



JOVENS PESQUISADORES
uma ideia que deu certo



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

PRESIDENTE

Marco Antonio Zago

VICE-PRESIDENTE

Carmino Antonio de Souza

CONSELHO SUPERIOR

Antonio José de Almeida Meirelles

Carlos Gilberto Carlotti Junior

Carmino Antonio de Souza

Felipe Ferreira Guimarães Figueiredo

Franklin Shunjiro Nishimura

Helena Bonciani Nader

Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Marcílio Alves

Marco Antonio Zago

Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pedro Wongtschowski

Thelma Krug

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

DIRETOR-PRESIDENTE

Carlos Frederico de Oliveira Graeff

DIRETOR CIENTÍFICO

Marcio de Castro Silva Filho

DIRETOR ADMINISTRATIVO

Fernando Menezes de Almeida



JOVENS PESQUISADORES
uma ideia que deu certo

Apresentação

Esta publicação celebra os 30 anos do Programa Jovens Pesquisadores – criado pela FAPESP em 1995 para atrair e fixar cientistas com experiência internacional no Estado de São Paulo, além de descentralizar o sistema estadual de ciência e tecnologia.

O livro traz um breve histórico do programa e análises de dirigentes da FAPESP sobre sua contribuição para o fortalecimento da ciência paulista, além de depoimentos de 35 pesquisadores de destaque, ex-beneficiários desta modalidade de fomento. Os textos ilustram como o impulso inicial oferecido pela FAPESP a quase 2 mil jovens, num momento de transição entre o pós-doutorado e a carreira de pesquisa, foi fundamental, ao longo dos últimos 30 anos, para a construção de histórias de sucesso e a criação de novos núcleos de excelência em São Paulo.

Sumário



Jovens Pesquisadores: uma ideia que deu certo, 9

Depoimentos, 21

Adriano Defini Andricopulo, 23
Alessandra Alves de Souza, 27
Alessandra Tomaselli Fidelis, 29
Carlos Eduardo Pellegrino Cerri, 31
Chantal Victoria Medaets, 33
Daniel Martins de Souza, 35
Daniel Scherer de Moura, 37
Dario Simões Zamboni, 39
Diana Gonçalves Vidal, 41
Fabiana Cristina Komesu, 45
Gustavo Martini Dalpian, 47
Ilana Pinsky Streinger, 49
Ischia Teresinha Lopes Cendes, 51
Jean Paul Walter Metzger, 53
João Pereira Leite, 55
Katlin Brauer Massirer, 57
Klaus Werner Capelle, 59
Leandro Machado Colli, 61

Lidia Maria Rebolho Batista Arantes, 63
Lygia da Veiga Pereira Carramaschi, 65
Margaret de Castro, 67
Oswaldo Keith Okamoto, 69
Patricia Chakur Brum, 71
Patricia Sartorelli, 75
Pedro Alexandre Favoretto Galante, 77
Pedro José Floriano Ribeiro, 79
Rafael Silva Rocha, 81
Roberto Zilles, 85
Silvio Ferraz Mello Filho, 87
Tania Forster Carneiro, 89
Tathiane Maistro Malta Pereira, 91
Thelma de Aguiar Pertinhez, 93
Vadim Viviani, 95
Valerio Carruba, 97
Vinicius de Andrade Oliveira, 99

Glossário, 103

Jovens Pesquisadores: uma ideia que deu certo

A FAPESP foi criada em 1962 com a missão de fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado de São Paulo. Entre as principais estratégias empregadas para esse fim estão o financiamento a projetos de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento – tanto para promover o avanço do conhecimento como a inovação – e o apoio à formação da futura geração de cientistas.

O Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores (JP), que completou três décadas de existência em agosto de 2025, concilia elementos dessas duas estratégias. “É ao mesmo tempo uma bolsa e um *grant* para pesquisa”, destaca Marco Antonio Zago, presidente da Fundação, que considera esta “uma das melhores ideias que já houve na FAPESP”.



Criado com os objetivos de atrair e fixar talentos científicos no Estado de São Paulo, formar novos núcleos de pesquisa e descentralizar o sistema estadual de ciência e tecnologia (C&T), o JP se consolidou como uma das modalidades de fomento de maior sucesso e competitividade da Fundação.

Considerada revolucionária para a época, a ideia partiu de uma constatação: pesquisadores de alto nível, recém-formados no Brasil ou que retornavam do exterior, muitas vezes tinham como única opção integrar-se a projetos de lideranças científicas já estabelecidas, sem oportunidade de dar seguimento às investigações que haviam iniciado durante o doutorado ou pós-doutorado, lembra José Fernando Perez, diretor científico da FAPESP entre 1993 e 2005.



O programa – idealizado durante a gestão de Perez pelo então assessor da Diretoria Científica Rogério Meneghini e inspirado pelo NSF Young Investigator (NYI) Award, da National Science Foundation – ajudou a quebrar esse paradigma ao oferecer a jovens cientistas um volume expressivo de recursos – suficiente para montar um novo laboratório, custear viagens e comprar materiais de consumo –, além de autonomia para conceber e conduzir seus próprios projetos ousados e inovadores.

A novidade foi apresentada à comunidade científica em agosto de 1995, na edição nº 1 da revista *Pesquisa FAPESP* – na época um boletim de apenas quatro páginas denominado *Notícias FAPESP*: “Serão assegu-

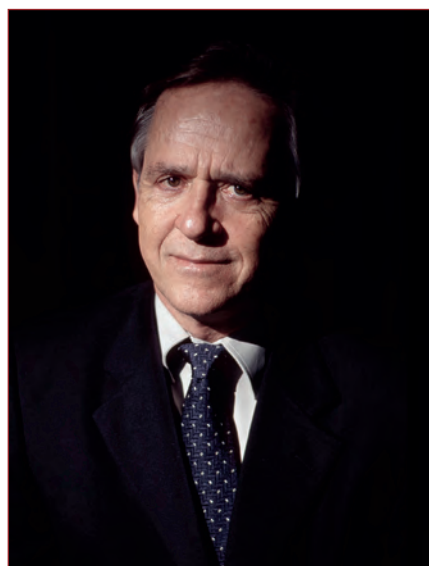


Foto: Miguel Boyayan/Pesquisa FAPESP

Rogério Meneghini, 2005.

radas aos beneficiários desse novo programa facilidades que hoje são normalmente concedidas aos pesquisadores envolvidos com Projetos Temáticos financiados pela Fundação, como o ágil processo de análise em solicitações de bolsas, visitas de curta duração ao exterior e apoio à vinda de pesquisador visitante. A FAPESP também investirá na infraestrutura de pesquisa dos centros emergentes, para viabilizar o desenvolvimento dos projetos aprovados dentro do programa”, dizia o texto. “Tantas facilidades naturalmente exigem contrapartidas dos candidatos ao programa. E a mais importante delas é que o solicitante do apoio tenha expressiva atividade de pesquisa em temas relevantes de sua área de atuação, documentada por meio de publicações ou de outras realizações que a comprovem. Isso, no entanto, ainda não basta: uma vez que o processo de seleção será competitivo, o projeto deverá ser sólido, a ponto de tornar muito claras, além da própria qualidade: intrínseca, as considerações do candidato quanto à exequibilidade da proposta, nas condições em que pretende trabalhar.”

A notícia ainda alertava que a palavra jovem, usada no nome do programa, não deveria ser encarada como barreira por pesquisadores mais velhos ainda sem uma longa trajetória em atividades de pesquisa. “Isso porque a FAPESP não estabelece um limite estrito de idade para o candidato, ainda que dê prioridade aos mais novos.”

No primeiro ano, o número de solicitações apresentadas ao novo programa chegou a 394, das quais 117 foram aprovadas. Em agosto de 2025, o número de pesquisadores apoiados já chegava a 1.805, das mais diversas áreas do conhecimento. Desse, 95% levaram adiante a carreira acadêmica – boa parte tornando-se referência em sua área de atuação.

Mas, além de impulsionar carreiras individuais, o JP foi fundamental em seus primeiros anos para nuclear novos grupos de pesquisa nos chamados “centros emergentes”. Como explica Perez, a definição propositalmente ampla do que seria um centro emergente permitiu que o programa estimulasse tanto a produção de ciência de ponta em universidades privadas, com pouca tradição em pesquisa, quanto o surgimento de novas áreas dentro de instituições públicas já consolidadas.



José Fernando Perez, 2002.

Um ímã de talentos

“A formação de doutores no exterior foi uma estratégia impulsionada pela Capes e pelo CNPq, entre as décadas de 1950 e 1990 – e pela FAPESP a partir dos anos 1960 –, com o objetivo de desenvolver a pós-graduação nacional, até então limitada a poucos centros de pesquisa, e capacitar pesquisadores em áreas estratégicas. Na década de 1990, começa a se popularizar o modelo de ‘doutorado sanduíche’, uma oportunidade para que alunos de doutorado realizassem uma parte do trabalho de pesquisa no exterior, muitas vezes com bolsas de agências federais ou da FAPESP, para enriquecer seus estudos e consolidar a colaboração entre grupos brasileiros e estrangeiros”, lembra Marcio de Castro, diretor científico da FAPESP.



Anúncio do lançamento do Programa Jovens Talentos, publicado na revista *Nature*, edição de 2 de abril de 1992.



No início da década de 1990, um dos desafios do sistema de C&T brasileiro era criar condições para absorver essa leva de recursos humanos altamente qualificados, retendo-os no país. Com esse propósito, a USP criou em 1992 o Programa Jovens Talentos, por meio do qual foi criado um banco de currículos de pesquisadores brasileiros em vias de doutoramento ou recém-doutorados, com experiência internacional, que poderiam ser contratados como professores colaboradores, com capacidade para atuar como líderes de pesquisa e ensino, por um prazo determinado de dois anos, podendo ocorrer uma renovação de contrato por mais dois anos somente. A universidade chegou a reunir currículos de 400 candidatos, dos quais cerca de 40 fo-

ram contratados. Em 1995, contudo, o Programa Jovens Talentos foi descontinuado. Surgiu então a ideia de criar algo parecido na FAPESP.

“Boas ideias são simples e têm impactos duradouros. Assim foi com o Programa Jovens Pesquisadores que, por sua vez, sofreu influência positiva de um programa bem-sucedido da década de 1990, que teve um papel renovador na Universidade de São Paulo”, comenta Zago.

Como lembra Perez, muitos desses jovens estavam retornando ao Brasil, para diferentes estados da federação. Em alguns casos não tinham oferta de emprego. Em outros tinham o emprego, mas não contavam com uma instituição capaz de financiar um projeto ousado e inovador como o que vinham desenvolvendo no exterior. “Com o Programa Jovens Pesquisadores nós conseguimos atrair muitos deles para São Paulo”, diz.

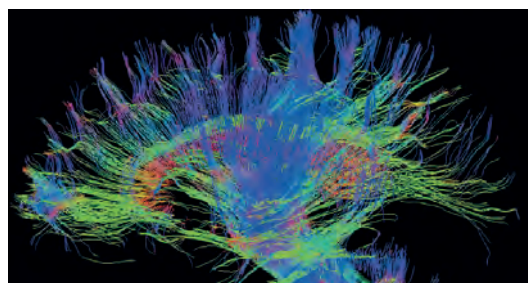
Um exemplo é a neurocientista Iscia Lopes Cendes, que integra a primeira leva de aprovados da modalidade. “Naquele momento, eu estava concluindo meu doutorado na Universidade McGill, no Canadá, e não cogitava voltar sem um financiamento robusto, que me permitisse montar um laboratório competitivo”, lembra. “Esse apoio foi decisivo para meu retorno ao Brasil e para o estabelecimento da carreira acadêmica na Unicamp.”

Segundo Lopes Cendes, o impacto do JP foi muito além da infraestrutura inicial: proporcionou autonomia científica, visibilidade e credibilidade para competir por outros financiamentos, atrair estudantes e pós-doutorandos e estabelecer colaborações nacionais e internacionais. “A partir desse ponto, minha carreira se consolidou com a publicação de centenas de artigos, a formação de dezenas de pesquisadores e a participação em grandes projetos, como o CEPID Instituto Brasileiro de Neurociência e Neurotecnologia e a Iniciativa Brasileira de Medicina de Precisão, pioneira no compartilhamento de dados genômicos na América Latina.”

Também integrante da primeira leva de JPs, a médica Margaret de Castro lembra que em 1995 o mundo vivia uma transformação nas ciências da vida – especialmente na biologia molecular, que vinha se consolidando como um dos pilares da biotecnologia moderna. Países desenvolvidos, como os da Europa, os Estados Unidos e o Japão, já haviam incorporado fortemente as novas ferramentas da área em suas pesquisas, enquanto



Iscia Lopes Cendes durante o doutorado, em Montreal, 1996.



Criado em 2013, o BRAINN é um CEPID da FAPESP sediado na Unicamp e coordenado por Fernando Cendes, que também foi beneficiário do Programa Jovens Pesquisadores. O grupo, composto por mais de 70 cientistas de diferentes instituições, estuda epilepsia e acidentes vasculares cerebrais. Além de aplicações importantes para prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação dessas enfermidades. As pesquisas do centro têm contribuído para uma melhor compreensão da função cerebral normal e dos mecanismos das doenças neurológicas.

o Brasil ainda dava os primeiros passos nesse sentido. “Ao atrair jovens doutores – notadamente aqueles com pós-doutorado no exterior, como era o meu caso – e garantir-lhes condições efetivas de atuação, o programa estabeleceu as bases para o surgimento de uma geração de cientistas que mais tarde protagonizaria projetos genômicos pioneiros no país”, avalia.

Acervo pessoal



Nesta montagem vemos os primeiros anos do Laboratório de Biologia Molecular Aplicada às Doenças Endócrinas da FMRP-USP, criado pela professora Margaret de Castro com apoio do Programa Jovens Pesquisadores. Ao lado da pesquisadora seu primeiro orientando de doutorado, Sonir Roberto Antonini, hoje professor titular do Departamento de Puericultura e Pediatria da FMRP-USP e referência na área de endocrinologia pediátrica.

Com os recursos do projeto JP, Margaret de Castro implantou um núcleo de pesquisa na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP voltado à aplicação de métodos da biologia molecular ao estudo e tratamento de doenças endócrinas. “Do ponto de vista pessoal, o programa teve um papel estratégico ao me apoiar em um momento em que eu ainda estava em processo de afirmação profissional como pesquisadora. Do ponto de vista institucional, ajudou a superar a lacuna tecnológica e científica que separava o Brasil das potências em ciência e tecnologia.”

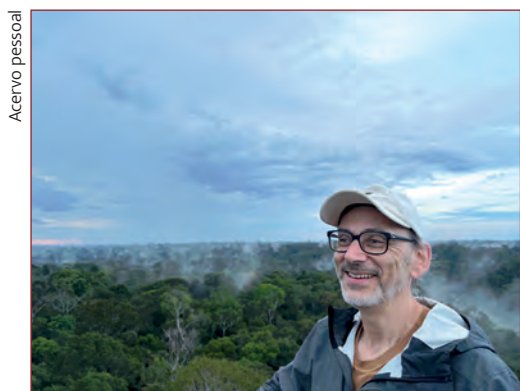
Outro caso exemplar é o da geneticista Lygia da Veiga Pereira, que costuma se apresentar como “a carioca que trocou Ipanema pela FAPESP”. Ela conta que em 1994, após cinco anos cursando o doutorado nos Estados Unidos, retornou ao Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, na UFRJ, onde havia feito o bacharelado em física e o mestrado em ciências biológicas. Havia recebido um convite para desenvolver um pós-doutorado na Universidade Stanford, porém, desejava passar uma temporada no Brasil antes de retornar ao exterior. “O contraste com a estrutura pujante de pesquisa dos EUA foi muito doído”, diz.

Atraída pelos vários grupos que trabalhavam com genética humana no Instituto de Biociências da USP, veio para São Paulo com uma bolsa do CNPq na modalidade “recém-doutor” e integrou a equipe do laboratório coordenado pela professora Mayana Zatz. Poucos meses depois foi lançado o Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. “Vi ali uma oportunidade única para estabelecer minha linha de pesquisa própria e submeti um



Acervo pessoal

Lygia da Veiga Pereira (à esquerda) e a professora do IB-USP Angela Morgante em 1998, durante a inauguração do laboratório financiado pelo projeto JP.



Acervo pessoal

Jean Metzger em viagem à Amazônia, 2025.

projeto.” A investigação teve início em 1996 e, no ano seguinte, Lygia tornou-se docente do IB-USP, onde chefiou, desde 2017, o Departamento de Genética e Biologia.

Beneficiário de um Auxílio Jovem Pesquisador entre 1997 e 2001, o ecólogo Jean Paul Metzger relata que, após concluir o doutorado na França, em 1996, tinha planos de se fixar na Amazônia para aplicar os conhecimentos recém-adquiridos em ecologia da paisagem, mas acabou sendo aprovado em um concurso para docente no Instituto de Biociências da USP. “O Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes havia acabado de ser lançado, encaixando-se perfeitamente tanto no perfil de projeto que eu buscava desenvolver quanto no de pesquisador que a Fundação pretendia apoiar. Considerando que a ecologia da paisagem, com enfoque espacial e ecológico, representava então uma linha emergente de pesquisa, foi relativamente fácil justificar a proposta de criação de um Centro Emergente em Ecologia da Paisagem, mesmo estando inserido em uma instituição já altamente consolidada”, conta.

Os recursos do projeto ajudaram a criar, no Departamento de Ecologia do IB-USP, o Laboratório de Ecologia de Paisagens e Conservação (LEPaC), que desenvolve projetos voltados ao planejamento do uso de recursos naturais de forma a promover o desenvolvimento sustentável. Segundo Metzger, o JP atuou como um “catalisador

poderoso”, criando as condições necessárias para que, em pouco tempo, ele tivesse aprovado um Projeto Temático. “Ao compartilhar essa experiência com colegas do exterior, tornou-se ainda mais evidente que, graças ao apoio da FAPESP e da USP, encontrei em São Paulo condições excepcionais, em muitos aspectos superiores às que teria caso tivesse me estabelecido fora do país”, diz o cientista, que atualmente coordena um Centro de Ciência para o Desenvolvimento (CCD), denominado Núcleo de Análise e Síntese de Soluções Baseadas na Natureza (BIOTA Síntese), e atua como assessor do Programa BIOTA-FAPESP na Coordenadoria Geral de Programas Estratégicos e Infraestrutura da Diretoria Científica.

Ainda hoje o Programa Jovens Pesquisadores mantém a capacidade de atrair talentos, como ilustra a história do oncologista Leandro Colli, que coordena um projeto JP ainda vigente que

investiga a suscetibilidade genética ao câncer renal e também atua como assessor da Diretoria Científica da FAPESP. Em 2013, após completar o doutorado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP sob a orientação de Margaret de Castro, ele foi para os Estados Unidos desenvolver estudos em epidemiologia molecular de câncer renal no National Cancer Institute, que integra os National Institutes of Health (NIH). Em 2019 foi aprovado em um concurso para docente na FMRP-USP e precisava decidir se retornava ou não ao país.

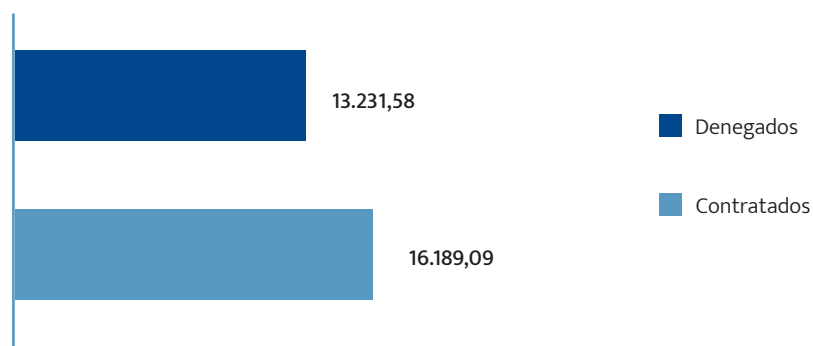
“Era uma vaga muito alinhada aos meus interesses profissionais, mas uma das minhas grandes angústias em voltar ao Brasil era a dúvida se conseguiria manter as linhas de pesquisa que eu havia desenvolvido ao longo dos seis anos que passei no NIH. Isso, inclusive, foi um dos questionamentos da banca no meu concurso e eu disse muito claramente: o meu principal foco em financiamento é o Jovem Pesquisador”, conta.

O laboratório de Colli, que começou com ele e outras duas pessoas, hoje abriga em torno de 30 integrantes. “Claro que vieram muitos outros financiamentos após o JP e essa é uma parte importante do programa: ele dá uma chancela que abre portas, inclusive para grants internacionais, pois as agências sabem que você passou por um crivo muito rigoroso.”

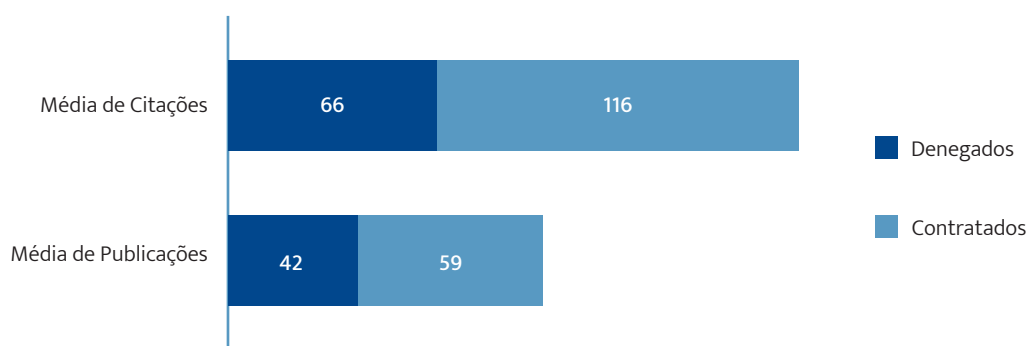
Não é à toa que, desde sua criação, o JP é a modalidade de auxílio mais competitiva da FAPESP. Para efeito de comparação, em 2024 a taxa de aprovação da modalidade Auxílio à Pesquisa – Regular foi de 31%, a do Auxílio à Pesquisa – Temático, 24% e a do Auxílio Jovem Pesquisador foi de apenas 18%. A taxa média de aprovação do programa, considerando todo o período entre 1995 e 2025, é de 17,2%. Outros números levantados pela Diretoria Científica da FAPESP comprovam o impacto que o Auxílio JP teve na carreira dos beneficiados. Em média, sua remuneração é 25% maior do que a de pesquisadores que submeteram uma proposta à FAPESP, mas tiveram o pedido denegado. Já a média de artigos publicados é 40% maior entre os apoiados, enquanto a de citações ultrapassa a dos não apoiados em 75%.



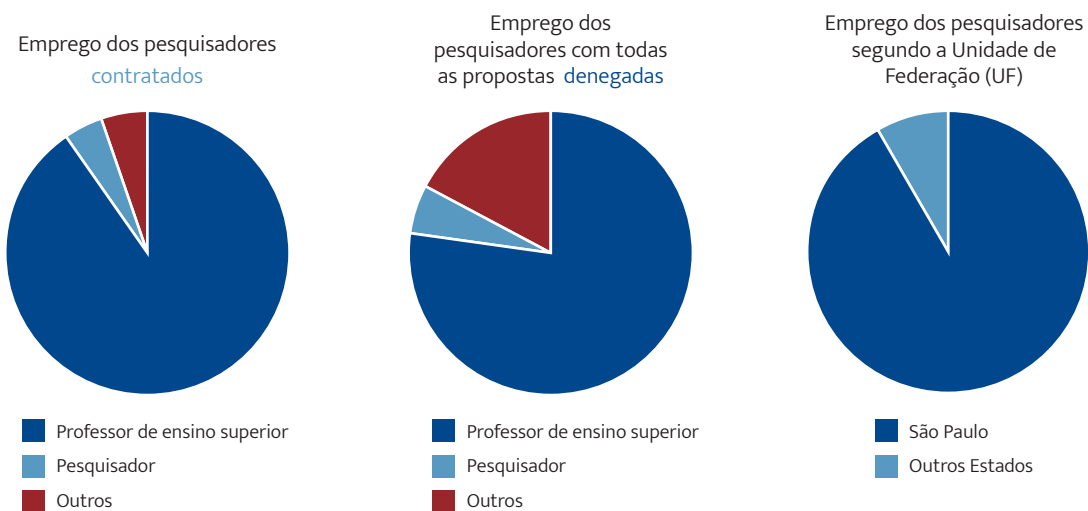
Remuneração média dos pesquisadores que estão no RAIS 2022



Média de publicações e citações, segundo o grupo



Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)



“Esses dados mostram, sem dúvida nenhuma, a robustez do programa, sobretudo na inserção desses pesquisadores na comunidade acadêmica do Estado de São Paulo”, comenta Marcio de Castro.

Relatos como o do físico Klaus Werner Capelle, que coordenou um projeto JP entre 1999 e 2003, ajudam a entender de que modo o programa contribuiu para o sucesso acadêmico dos aprovados na modalidade. Um dos motivos é o suporte oferecido ao pesquisador em uma fase crítica da carreira: a transição entre o pós-doutorado e a docência. “Cumpre um papel estratégico ao permitir que o beneficiário assuma responsabilidades maiores, administre seu próprio auxílio na FAPESP e se envolva com atividades em sala de aula e de orientação enquanto nucleia um grupo de pesquisa por meio do qual amplia e aprofunda suas atividades científicas”, afirma. Segundo Capelle, que já atuou como pró-reitor de Pesquisa (2010-2014) e reitor (2014-2018) da UFABC, os quatro anos do JP correspondem a 18% dos 22 anos que passou como “pesquisador produtivo” – de 1992, quando cursava o mestrado, até 2014, momento em que passou a se dedicar quase exclusivamente à gestão acadêmica e a projetos educacionais. “No entanto, de acordo com o Web of Science, seis dos meus dez artigos mais citados foram pesquisados e/ou redigidos naqueles quatro anos. Essa proporção de 60% da produção mais impactante ter origem em 18% do intervalo de tempo ilustra a importância da bolsa JP na minha vida científica”, ressalta.

Já o atual presidente da Aciesp, Adriano Andricopulo, relata que as colaborações iniciadas entre 2002 e 2006, quando coordenou um projeto JP no Instituto de Física de São Carlos da USP, evoluíram para redes científicas duradouras, sustentando projetos estratégicos e parcerias internacionais em áreas críticas, como doenças tropicais negligenciadas e câncer. “Esse esforço resultou em publicações relevantes, patentes, reconhecimento em congressos e abriu caminho para papéis de liderança científica”, diz.

E há ainda muitos ex-beneficiários do programa que hoje estão à frente de empreitadas científicas grandiosas, como o Centro de Pesquisa de Carbono em Agricultura Tropical (CCARBON), um CEPID-FAPESP sediado na Esalq-USP e coordenado por Carlos Eduardo Pellegrino Cerri. O apoio recebido durante a vigência de seu projeto JP (2006-2010) por meio das diversas modalidades de bolsas e dos recursos para financiar a vinda de pesquisadores estrangeiros e a organização de reuniões científicas, diz Cerri, foi fundamental para a internacionalização das pesquisas do grupo e a formação de recursos humanos. “Tenho convicção de que a oportunidade que tive no âmbito do JP foi decisiva para meu ingresso como docente no Departamento de Ciência do Solo da Esalq-USP”, afirma.



Acervo pessoal

Carlos Eduardo Pellegrino Cerri na época do projeto JP.



Criado em 2023, o CCARBON desenvolve soluções e estratégias inovadoras baseadas em carbono para uma agricultura tropical cada vez mais sustentável, para adaptar e mitigar as mudanças climáticas e melhorar os padrões e condições de vida. Seus principais objetivos são gerar conhecimento, tecnologia, inovação, capacitação de recursos humanos e disseminação de soluções baseadas em carbono para sistemas agrícolas tropicais, além de conciliar a crescente demanda por alimentos, fibras e energia com a sustentabilidade ambiental, econômica e social.

“Quando analisamos a elite dos pesquisadores de São Paulo, notamos que grande parte passou pelo Programa Jovens Pesquisadores. Foi uma boa ideia que deu certo. Agora, com 30 anos de execução, nós observamos seu efeito”, acrescenta Zago.

Evolução constante

No que concerne à infraestrutura de pesquisa, o mapa de São Paulo em 1995 era muito diferente do atual, pontua Zago. “Havia poucos centros, menores e com menos instrumentação disponível. Hoje temos ciência de excelente qualidade, não só na capital, no Vale do Paraíba, em Campinas ou Ribeirão Preto, mas até nas regiões extremas do Estado, como Marília e São Carlos.”

Pode-se dizer, portanto, que um dos objetivos iniciais do programa, a descentralização do sistema estadual de C&T, foi alcançado. O JP mantém, porém, seu propósito principal: o de apoiar projetos de pesquisa excelentes, inovadores e ousados, desenvolvidos sob responsabilidade de pesquisador com excepcional desempenho para a fase da carreira em que se encontra e preferencialmente com vivência internacional.

Outra finalidade que tem sido explorada mais recentemente é estimular a criação de núcleos de excelência em áreas de interesse. Um exemplo é a chamada lançada em maio de 2025 em parceria com o Instituto Butantan, que tem o objetivo de impulsionar a liderança científica e tecnológica do Estado de São Paulo na pesquisa sobre doenças emergentes e infecciosas.

Em 2018 foi lançado o Auxílio à Pesquisa Jovem Pesquisador – Fase 2 (JP-2), que tem duração de cinco anos e visa consolidar linhas de pesquisa de alto impacto criadas por pesquisadores que concluíram a fase 1 do projeto com resultados excelentes. E em março de 2022 a duração do Auxílio JP-1 foi ampliada de quatro para cinco anos. Em conjunto, as medidas oferecem aos pesquisadores a oportunidade de até dez anos de fomento contínuo.

Também em 2022, a Fundação concedeu um reajuste de 15% para todas as modalidades de bolsas, incluindo beneficiários do programa JP sem vínculo empregatício. E a partir de maio

de 2025 passou a ser oferecido aos bolsistas um treinamento on-line de mídia, promovido em parceria com jornalistas da Agência Bori. Ao longo das quatro edições realizadas, os 90 cientistas inscritos receberam treinamento sobre como se comunicar melhor com jornalistas e fazer suas pesquisas circularem na mídia.

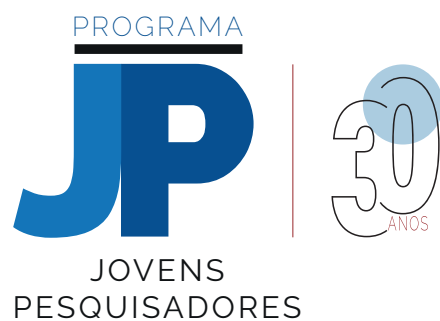
“O que nós temos observado é um crescente interesse de jovens pesquisadores, inclusive não brasileiros, em vir atuar em São Paulo com apoio de uma bolsa de muito bom nível, além de todas as modalidades de bolsa para ajudar no desenvolvimento do projeto e de um financiamento robusto para que possa exercer sua atividade por cinco ou mais anos. Tudo isso torna o programa um caso de grande sucesso da FAPESP”, avalia Castro.

Em março de 2025, a Fundação lançou a Chamada Internacional para Jovens Pesquisadores, que tinha como um dos critérios de elegibilidade estar trabalhando e vivendo no exterior há pelo menos dois anos. O edital recebeu 207 submissões de pessoas oriundas de 17 países – a grande maioria brasileiros (163), seguidos por argentinos (6), franceses (4), paquistaneses (3) e peruanos (3). Esses proponentes estão vinculados a instituições de 25 países, com destaque para Estados Unidos (77), Alemanha (16), Inglaterra (13), Itália (9), França (8) e Portugal (8). Desse total, 20 projetos serão selecionados até o fim do ano e a expectativa é que, durante o período de financiamento, o pesquisador obtenha uma posição permanente na instituição-sede ou em outra situada no Estado de São Paulo.

“Recebemos propostas de brasileiros que já estão radicados no exterior, mas de estrangeiros também, que querem desenvolver suas pesquisas aqui em São Paulo. Isso mostra que o programa tem grande reconhecimento fora do Brasil”, avalia Castro.

Por meio de intenso investimento na formação de recursos humanos capazes de desenvolver pesquisa científica e tecnológica, a FAPESP busca consolidar no Estado de São Paulo uma comunidade científica de excelência internacional. E o Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores, que acaba de completar 30 anos de existência, tem sido uma importante ferramenta nesse processo. Depoimentos de alguns dos beneficiários desse auxílio, disponíveis nas páginas seguintes, dão a dimensão de como a iniciativa tem contribuído para a formação de novas gerações de pesquisadores.

DEPOIMENTOS



JP-FAPESP: À frente de seu tempo, inspirando o futuro da ciência brasileira

Adriano Defini Andricopulo 

Minha trajetória acadêmica teve início no curso de química industrial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), seguido pelo mestrado e doutorado em química orgânica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante o doutorado (1997-1999), realizei estágio sanduíche em química medicinal na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Posteriormente, no pós-doutorado (1999-2002), também na Universidade de Michigan, em

colaboração com Pfizer, BioCryst Pharmaceuticals, Sterling Winthrop e Vertex, bem como com centros de pesquisa nos EUA e na Europa, ampliei a visão sobre os desafios da inovação em saúde e consolidei redes colaborativas interdisciplinares. Essa experiência foi determinante para minha formação ao proporcionar contato direto com metodologias de ponta e com referências da área, como os professores Eugene H. Cordes e George L. Kenyon, entre outros. Nesse período, integrei frentes de investigação em síntese de compostos bioativos, cinética enzimática e mecanismos de reação, avaliações bioquímicas e biológicas, além de modelagem molecular e relações entre estrutura e atividade, articulando abordagens experimentais e computacionais no processo de descoberta de fármacos.

Após mais de cinco anos de atividades de pesquisa nos Estados Unidos, decidi retornar ao Brasil para consolidar minha carreira científica. Naquele período, tive oportunidades de seguir carreira no exterior, mas a convicção de contribuir para a pesquisa e o ensino em meu país falou mais alto. Foi nesse contexto que submeti à FAPESP um projeto no âmbito do Programa Jovens Pesquisadores, reconhecendo nas instituições do Estado de São Paulo e na Fundação um ambiente científico único e desafiador, propício a pesquisas de fronteira na descoberta de novos fármacos. A aprovação do projeto foi um marco que viabilizou meu retorno e o ingresso no Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP), no grupo

Processo 2002/03144-9
Instituição-sede: IFSC-USP
Área: Química Medicinal

Estudo das relações quantitativas entre a estrutura e a atividade de inibidores da purina nucleosídeo fosfarilase de *Schistosoma mansoni* da gliceraldeído-3-fosfato desidrogenase glicossomal de tryponasoma

de pesquisadores do Centro de Biotecnologia Molecular Estrutural (CBME), um CEPID da FAPESP sob a liderança do professor Glaucius Oliva. Esse passo também foi fundamental para minha contratação como professor doutor pela USP em 2006, trajetória que, ao longo dos anos, culminaria na posição de professor titular. Com esse acolhimento, iniciei e desenvolvi a área de química medicinal e planejamento de fármacos no instituto, em sintonia com necessidades estratégicas da ciência brasileira.

O auxílio JP da FAPESP possibilitou a implantação do Laboratório de Química Medicinal e Computacional (LQMC) no IFSC-USP, estabelecendo as bases para uma linha de pesquisa inovadora no país. Nessa fase inicial, formei os primeiros alunos de diferentes níveis, muitos deles bolsistas da FAPESP, que tiveram papel essencial na consolidação do grupo. A partir desse alicerce, o laboratório expandiu suas linhas de investigação, consolidou-se em nível internacional e contribuiu para o avanço da química medicinal e da descoberta de fármacos no Brasil. Formamos dezenas de mestres, doutores e pós-doutores que hoje atuam em universidades, centros de pesquisa, empresas farmacêuticas e instituições públicas, no Brasil e no exterior. As colaborações iniciadas no JP evoluíram para redes científicas duradouras, sustentando projetos estratégicos e parcerias internacionais em áreas críticas, como doenças tropicais negligenciadas e câncer. Esse esforço resultou em publicações relevantes, patentes, reconhecimento em congressos e abriu caminho para papéis de liderança científica, sempre com a marca do impulso inicial proporcionado pela FAPESP.

ACIESP Imagens. Foto Mário Salvador



Andricopulo durante evento em comemoração aos 50 anos da Aciesp, em 2024.

Adriano Defini Andricopulo

É presidente da Aciesp; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1A; professor titular do IFSC-USP, onde chefa o Departamento de Física e Ciência Interdisciplinar; coordenador do Centro de Pesquisa e Inovação Especial em Ciências da Descoberta de Medicamentos (CEPIx-MED) da USP; coordenador de Transferência de Tecnologia do CEPID Centro de Pesquisa e Inovação em

Biodiversidade e Fármacos (CIBFar); membro titular do Comitê Gestor do Fundo de Biotecnologia do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; coordenador científico do INCT em Biodiversidade e Produtos Naturais; membro titular da ABC e da Aciesp; *fellow* da Royal Society of Chemistry e da União Internacional de Química Pura e Aplicada.

O Programa Jovens Pesquisadores foi um divisor de águas em minha trajetória acadêmica e pessoal. Mais do que proporcionar recursos, transmitiu confiança e responsabilidade, criando condições para transformar oportunidades em resultados para a ciência e a sociedade. Graças a esse apoio, estruturamos um grupo sólido e duradouro, capaz de gerar conhecimento, formar pessoas e enfrentar desafios críticos em saúde. Em retrospectiva, é impossível dissociar conquistas posteriores – na pesquisa, na formação de recursos humanos e no exercício de liderança científica – da decisão de retornar ao Brasil e do suporte decisivo da FAPESP. Trago um sentimento profundo de gratidão pela oportunidade que mudou o rumo da minha vida, e também pela visão de futuro que o programa representa: assim como há mais de 20 anos fui impulsionado a iniciar minha trajetória independente, hoje novos jovens pesquisadores recebem o mesmo voto de confiança e serão, no futuro, os líderes que continuarão a transformar a ciência paulista e brasileira em excelência reconhecida mundialmente.

O momento em que a confiança superou as incertezas

Alessandra Alves de Souza [↗](#)

A trajetória acadêmica é, sem dúvida, cheia de incertezas. Muitas vezes me perguntei: será que estou no caminho certo? Será que vou conseguir me firmar como pesquisadora? Essas dúvidas me acompanharam em cada etapa, desde a iniciação científica até o doutorado, sempre somadas às pressões de publicar artigos, participar de congressos, buscar parcerias internacionais e aprimorar o domínio de outros idiomas. Cada conquista parecia um tijolo colocado nessa construção, mas eu não sabia ao certo se estava realmente formando uma base sólida para o futuro.

No meu caso, um marco importante foi ter participado, durante o doutorado, do Projeto Genoma da *Xylella fastidiosa*, fomentado pela FAPESP. Essa experiência foi transformadora, pois abriu minha visão sobre ciência colaborativa, trouxe aprendizados significativos e me inspirou a querer seguir adiante com uma linha de pesquisa própria. O projeto Jovem Pesquisador (JP) foi justamente o desdobramento natural dessa trajetória. O impacto positivo de ter um JP foi definitivo na minha vida profissional, pois me trouxe a confiança de que, sim, valia a pena seguir nesse caminho. O JP me deu independência para criar minha própria linha de pesquisa, credenciamento para orientar alunos de pós-graduação e a chance de publicar como autora responsável. Foi quando senti que minha carreira científica tinha, de fato, se consolidado. Mais do que isso, o JP abriu portas fundamentais, pois foi a partir dele que conquistei meu primeiro emprego como pesquisadora, fortaleci minha linha de pesquisa, estabeleci uma rede de colaboradores e pude demonstrar minha capacidade de coordenar projetos e orientar alunos. A experiência adquirida no Projeto Genoma encontrou continuidade e aprofundamento no JP, que se consolidou como a base da linha de pesquisa que mantenho até hoje.

Olho para trás com gratidão e orgulho por essa conquista, pois o projeto JP foi mais que um auxílio, foi um divisor de águas na minha carreira. O programa JP não apenas reconhece a competência científica, mas também oferece a oportunidade de transformação da carreira

Processo 2004/14576-2

Instituição-sede: IAC

Área: Genética Molecular e de Microrganismos

Características biológicas de *Xylella fastidiosa* em biofilme: importância dos genes de adesão e adaptação na patogênese

de quem vislumbra se estabelecer como pesquisador independente. Para mim, foi o momento em que a confiança superou as incertezas e o futuro profissional deixou de ser apenas uma possibilidade para se tornar realidade.



Fotos: acervo pessoal



A pesquisadora em 2005 (acima), durante a vigência do projeto JP, e nos dias atuais.

Alessandra Alves de Souza

É pesquisadora científica do Centro de Citricultura Sylvio Moreira/Instituto Agrônômico, onde desde 2020 atua como diretora de Pesquisa e Desenvolvimento. Em 2025 foi eleita membro da Aciesp e recebeu prêmios de destaque nacional e internacional, entre eles o Ingenias Latam (União Europeia, 2025), o Prêmio da Sociedade Brasileira de Fitopatologia (2023), o reconhecimento da American Phytopathological Society (2018), o Prêmio Top Ciência da Basf (2015), o Prêmio Fundação Bunge Juventude (2006) e o Prêmio Jovem Geneticista da Sociedade Brasileira de Genética.

‘Abriu as portas do mundo e da ciência para mim’

Alessandra Tomaselli Fidelis 

O Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP abriu as portas do mundo e da ciência para mim. Com os recursos do projeto eu consegui montar um laboratório com os equipamentos necessários e, principalmente, sedimentar meu grupo de pesquisa e montar uma vasta rede de colaborações.

Graças ao programa JP eu tive a oportunidade de montar e estabelecer um experimento de longa duração, que resultou até agora em cinco dissertações de mestrado, oito teses de doutorado, além de diversos trabalhos de conclusão de curso, iniciações científicas, projetos de pós-doutorado e publicações. Mas acho que o principal foi garantir um financiamento de cinco anos para uma jovem pesquisadora que estava implementando um experimento de longa duração, que continua até hoje (agora financiado por um Projeto Temático).

O JP me possibilitou aumentar de maneira significativa a minha rede de colaborações, permitindo que meus alunos visitassem laboratórios nos Estados Unidos, no Reino Unido, na França, na Austrália e na África do Sul, trocando experiências e aumentando as suas próprias redes de colaboração. E essa rede de colaboração gerou outros projetos, publicações importantes que também envolveram meus alunos, e proporcionou um grande avanço no nosso conhecimento sobre os efeitos do fogo na vegetação de savanas e campos tropicais.

Hoje meu grupo é reconhecido no Brasil e também fora dele graças a essas colaborações, aos vários estudantes que passaram pelo meu laboratório e ao financiamento recebido logo no início da minha jornada como pesquisadora.

Quando enviei meu último relatório do JP, fiz questão de enviar uma mensagem com todos os documentos ressaltando a importância que essa linha de financiamento da FAPESP teve na minha carreira e como ela foi essencial para meu crescimento como jovem pesquisadora na

Processo 2015/06743-0
Instituição-sede: IB-Unesp
Área: Botânica/Ecologia

Como a época do fogo afeta a vegetação do Cerrado?"

época. Com certeza a trajetória da minha carreira teria sido totalmente diferente sem o apoio inicial do Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP e me sinto honrada e privilegiada por ter conseguido esse financiamento logo no início da minha carreira.



Fotos tiradas em 2016 (à esquerda), durante visita às savanas africanas, e em 2025 (a pesquisadora no centro, de azul), durante experimento realizado na África do Sul em 2025.



Fotos: acervo pessoal

Alessandra Tomaselli Fidelis

É professora associada na Unesp, com livre-docência em Ecologia de Comunidades; vice-presidente da International Association for Vegetation Science; participa de comitês de assessoramento, como do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade. Foi professora visitante em diversas instituições internacionais, como na Technische Universität München (2021), North-West University (2019) e Royal Botanic Garden Edinburgh (2023), onde virou Research Associate em 2025.

‘Contribuiu significativamente para o meu amadurecimento científico’

Carlos Eduardo Pellegrino Cerri 

Meu nome é Carlos Eduardo P. Cerri, sou professor titular no Departamento de Ciência do Solo da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq-USP) e também coordenador do Centro de Pesquisa em Carbono na Agricultura Tropical (CCARBON), um CEPID da FAPESP.

Posso dizer, com absoluta certeza, que minha trajetória profissional está totalmente ligada à FAPESP. Mais do que isso: sou profundamente grato a esta instituição que possibilitou, financiou e incentivou todos os passos da minha caminhada acadêmico-científica, desde a graduação até os tempos atuais.

Minha primeira experiência com a FAPESP se deu na graduação, quando obtive uma Bolsa de Iniciação Científica (IC) que me permitiu iniciar atividades de pesquisa e consolidar minha decisão de aprofundar os conhecimentos sobre o método científico. Entusiasmado com a pesquisa desenvolvida durante a IC e motivado para aprimorar e aprofundar meus conhecimentos nos métodos científicos, tive a felicidade de ser contemplado com uma Bolsa de Mestrado (MS) da FAPESP. Continuando minha busca por aprimoramento e enriquecimento profissional, segui para o doutorado – também com apoio da FAPESP. Foi a confirmação da minha opção pela carreira acadêmica.

Ao terminar o doutorado, fui agraciado com uma Bolsa Jovem Pesquisador (JP), o que contribuiu significativamente para o meu amadurecimento científico. Os recursos financeiros advindos do JP foram primordiais para nuclear um grupo de pesquisa e executar um programa de quatro anos intitulado “Modelagem da dinâmica da matéria orgânica do solo na zona de expansão agrícola do sudoeste da Amazônia: base para pesquisas em mudanças climáticas globais”. Nessa fase, o apoio dado por essa Fundação por meio das diversas modalidades de bolsas (iniciação científica, mestrado, doutorado e treinamento técnico) e dos recursos para financiar a vinda de pesquisadores internacionais e a organização de reuniões científicas foi fundamental

Processo 2005/60255-6

Instituição sede: Cena-USP

Área: Ecologia de Ecossistemas

Modelagem da dinâmica da matéria orgânica do solo na zona de expansão agrícola do sudoeste da Amazônia: base para pesquisas em mudanças climáticas globais

para agregar informações e conhecimentos importantes para a internacionalização das nossas pesquisas e formação de recursos humanos. Tenho convicção de que a oportunidade que tive no âmbito do JP foi decisiva para meu ingresso como docente no Departamento de Ciência do Solo da Esalq-USP.

Como docente também reconheço e agradeço o apoio imprescindível da FAPESP nas pesquisas abrangendo temáticas associadas à dinâmica e qualidade da matéria orgânica do solo em ecossistemas naturais e agrossistemas, estoques de carbono e nitrogênio do solo e fluxo de gases do efeito estufa devido a mudanças no uso da terra e adoção de práticas de manejo agrícolas, biocarvão e seus efeitos sobre a mitigação de gases do efeito estufa, qualidade do solo e produtividade agrícola, dentre outras.

O ápice da minha ligação com a FAPESP se deu com o apoio integral para a criação de um CEPID, o CCARBON, no qual atuo como coordenador ao lado de uma equipe ultracompetente e diferenciada de pesquisadores renomados nacional e internacionalmente. Nestes quase dois anos de existência, o centro tem cumprido satisfatoriamente sua missão de desenvolver soluções e estratégias inovadoras em agricultura tropical sustentável para a adaptação e mitigação das mudanças climáticas e para melhorar os padrões e condições de vida. Graças ao apoio da FAPESP, temos obtido sucesso na geração de conhecimento, tecnologia, inovação, capacitação de recursos humanos e disseminação de soluções baseadas em carbono para sistemas agrícolas tropicais e ecossistemas naturais, conciliando a crescente demanda por alimentos, fibras e energia com a tão almejada sustentabilidade (ambiental, econômica e social).

Assim sendo, não tenho como dissociar a minha evolução profissional da FAPESP; graças a esta prestigiada Fundação pude dar todos os passos que marcaram a minha caminhada. Ademais, constato e agradeço à FAPESP por continuar intensamente apoiando e permitindo que também meus estudantes e muitos outros pesquisadores sigam seus passos em prol da ciência de ponta, contribuindo com informações que subsidiem tomadores de decisão em políticas públicas e que possibilitem o crescimento sustentável do nosso país.

Acervo pessoal



Carlos Eduardo Pellegrino Cerri

É professor titular da Esalq-USP e coordenador do CEPID CCARBON, bolsista de Produtividade do CNPq e um dos cinco brasileiros na *The Reuters Hot List*, que reúne os mil cientistas mais influentes do mundo na área do clima.

Projeto ajudou a criar centro de referência na área de Antropologia da Educação

Chantal Victoria Medaets 

A mobilidade talvez seja o que caracteriza meu percurso. Transitando entre dois países, a França e o Brasil, foi sem dúvida graças ao Programa Jovens Pesquisadores que me estabeleci profissionalmente no Brasil, no Estado de São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sempre gostei de me mudar e experimentar novas vidas. Foi assim que busquei minha primeira experiência profissional, como pedagoga recém-formada na PUC de São Paulo, no Estado do Pará, atuando como professora e, em seguida, como coordenadora pedagógica de escolas ribeirinhas e indígenas, nos municípios de Belterra e Aveiro. O deslocamento físico, intelectual e afetivo implicado nessa experiência na Amazônia foi motor para a minha trajetória acadêmica.

Três anos mais tarde, do Pará me mudei para a França, onde tinha familiares, e da educação transitei para a antropologia, disciplina que me ajudava a melhor entender como se ensina e se aprende nas comunidades das margens do rio Tapajós. Fiz meu mestrado e doutorado na Universidade Paris Cité (mais conhecida com seu antigo nome, Universidade Sorbonne Paris V), desenvolvendo a pesquisa nas comunidades do Tapajós onde havia morado. Aqui trago os resultados dessa pesquisa: <https://books.scielo.org/id/pz4r6>.

Ao concluir o doutorado em 2015, como diversos colegas da minha geração, realizei mais de um pós-doutoramento, pois abriam-se poucos concursos naquele momento. Repeti então a dobradinha França-Brasil: um primeiro pós-doutorado na PUCRS, em Porto Alegre, um segundo na Université Sorbonne Nouvelle (antiga Paris III), em Paris.

Durante esse período, continuei realizando pesquisa na região do Tapajós e presenciei as crianças, que tinham se tornado minhas grandes interlocutoras no doutorado, crescendo e algumas ingressando na universidade. Construí então o projeto de pesquisa que foi contemplado com o Auxílio Jovem Pesquisador, e que está agora em fase de conclusão, buscando entender

Processo 2018/25259-0

Instituição-sede: FE-Unicamp

Área: Antropologia/Etnografia

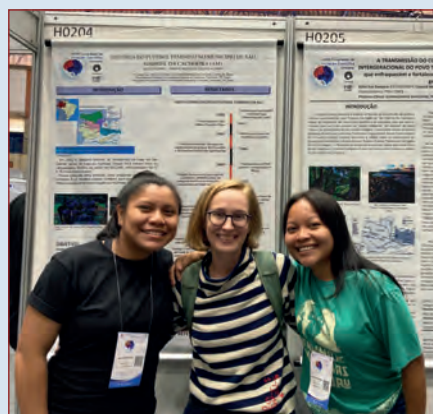
Estudantes indígenas na Unicamp e na UFSCar:
experiências sob a lente da etnografia

os diversos aspectos envolvidos na presença indígena no ensino superior no Brasil. O projeto me levou, no final de 2019, à Unicamp, que havia iniciado naquele ano um programa amplo de ações afirmativas étnico-raciais, incluindo um vestibular indígena. Mas, muito além da Unicamp, estudantes e pesquisadores/as indígenas são cada vez mais numerosos no país, trata-se do grupo que mais cresce no ensino superior brasileiro.

No projeto, graças ao desenho do Jovem Pesquisador, que permite formar uma equipe de bolsistas, realizamos, com a participação de bolsistas indígenas, um **mapeamento** de todas as ações afirmativas para indígenas no Brasil, além de estudos de caso (dos quais destaco: Medaets, Arruti, Almeida, 2024; Silva e Medaets, 2025). Em 2023, fui aprovada no concurso docente na Faculdade de Educação da Unicamp, onde criei um **Centro de Antropologia em Processos Educativos**, também graças ao apoio do programa Jovem Pesquisador. Dando continuidade ao trabalho de colegas da área que me precederam na Unicamp, o centro tem se tornado um espaço de referência para a temática. Sediamos em setembro de 2025, por exemplo, um dos mais tradicionais eventos da área, o Simpósio Interamericano de Etnografia e Educação, que também contou com apoio FAPESP, além do CNPq. Diversos estudantes indígenas compuseram a equipe de apoio do evento e pesquisadores indígenas foram palestrantes convidados. O Programa Jovens Pesquisadores foi um impulsionador fundamental para que todas essas conexões pudessem ser tecidas.

Chantal Victoria Medaets

Professora da Faculdade de Educação da Unicamp, onde coordena o Centro de Antropologia em Processos Educativos. Realizou pesquisas sobre infâncias indígenas e ribeirinhas e formas de socialização na região do Baixo Tapajós, na Amazônia brasileira, analisando estilos de parentalidade, educação informal (práticas de transmissão e aprendizagem fora da escola) e suas conexões com a escola. Em seu projeto de pesquisa atual aborda diferentes aspectos da presença indígena no ensino superior no Brasil.



Fotos: acervo pessoal

Na foto de cima, a pesquisadora (ao centro) e duas bolsistas do projeto JP durante Congresso de Iniciação Científica da Unicamp, em 2024. Abaixo, a pesquisadora (à direita, de amarelo) durante curso de educação intercultural indígena realizado em 2024.



Programa garante renovação, qualidade e impacto global à pesquisa brasileira

Daniel Martins de Souza 

O projeto Jovem Pesquisador da FAPESP foi essencial para o estabelecimento da minha carreira científica no Brasil. Fiz minha graduação em biologia na Unicamp, onde tive, por três anos, Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP. Em seguida, cursei doutorado direto também na Unicamp, novamente apoiado pela Fundação. Durante o doutorado, realizei estágio de seis meses na Alemanha com bolsa FAPESP-DAAD. E então tive a oportunidade de retornar à Alemanha para um pós-doutorado. Desde o início, minha intenção sempre foi voltar ao Brasil, especialmente à Unicamp, instituição em que me formei. No entanto, os caminhos me levaram a um segundo pós-doutorado na Inglaterra e, depois, a uma posição de pesquisador principal na Universidade de Munique (Alemanha). Mesmo nesse período, sentia uma dívida de gratidão com o Brasil, por ter estudado em universidade pública e recebido apoio da FAPESP. Acreditei, então, que poderia contribuir a distância, colaborando com colegas e recebendo estudantes brasileiros.

Foi nesse contexto que surgiu um concurso na Unicamp exatamente no meu campo de atuação. A coincidência mexeu comigo: era tudo o que eu sonhava, mas eu sabia que as condições de retorno precisariam ser adequadas para que eu pudesse me estabelecer de fato e contribuir com meu país. Conversando com colegas, conheci em detalhe o Programa Jovens Pesquisadores. Aproveitei, então, aquelas ideias acumuladas ao longo de quatro anos de pós-doutorado e, a partir delas, concebi um laboratório capaz de concretizá-las. O mais curioso foi que, no mesmo dia em que recebi a notícia da aprovação no concurso da Unicamp, tive também meu projeto aprovado pela FAPESP. Essa sincronia marcou definitivamente o rumo da minha carreira.

O financiamento do JP me deu a base necessária para estruturar minha linha de pesquisa, atrair estudantes e colaboradores, além de estabelecer um programa comparável a grandes projetos internacionais. Foi esse apoio que viabilizou minha consolidação acadêmica no Brasil e me

Processo 2013/08711-3

Instituição-sede: IB-Unicamp

Área: Neuroproteômica

Desenvolvimento de um teste preditivo para medicação bem-sucedida e compreensão das bases moleculares da esquizofrenia através da proteômica

permitiu contemplar, de maneira concreta, minha vontade de retribuir ao país por tudo o que recebi. Hoje, além de beneficiário, tenho também a perspectiva de assessor científico da FAPESP na área de Biologia. Isso me permite ver de perto quanto este programa tem sido decisivo para o desenvolvimento de ciência de ponta realizada por jovens pesquisadores, garantindo renovação, qualidade e impacto global à pesquisa brasileira.



Acervo pessoal



Antonio Scarpinetti/Jornal da Unicamp

Acima, a equipe do Laboratório de Neuroproteômica em 2014; abaixo o pesquisador durante entrevista sobre o uso e minicérebros no estudo da esquizofrenia.

Daniel Martins de Souza

É professor livre-docente do Instituto de Biologia da Unicamp, onde coordena o Laboratório de Neuroproteômica. Foi homenageado com o Basic Research Award de 2023 pela Schizophrenia International Research Society. É membro da Aciesp e da ABC e já foi membro da Coordenação da Área de Biologia da FAPESP e do Comitê de Assessoramento de Biofísica, Bioquímica, Farmacologia, Fisiologia e Neurociências do CNPq. É editor associado do periódico *Schizophrenia* (Nature) e membro do corpo editorial de outros oito periódicos científicos.

‘São inquestionáveis a força propulsora e a importância que tiveram em minha carreira esses primeiros anos’

Daniel Scherer de Moura 

Creio que todo estudante/pesquisador em exílio voluntário chega, cedo ou tarde, à árdua decisão de voltar, ou não, para seu país de origem. Mesmo sendo bolsista do CNPq e com a obrigação legal e ética de retornar, surgiu para mim a oportunidade de assinar contrato no exterior e, eventualmente, reembolsar o país pelo investimento. Para mim e minha esposa, esse momento chegou no início do milênio. Estávamos no final de 2002 e o Brasil comemorava a conquista do pentacampeonato mundial em meio às incertezas e expectativas relacionadas à eleição do primeiro trabalhador para presidente do Brasil. Eu estava concluindo meu pós-doutorado no Institute of Biological Chemistry da Washington State University (WSU) e a oportunidade era assinar um pós-doutorado, também vinculado a recursos de projeto, porém com duração ampliada de quatro anos. As condições de pesquisa eram excelentes, sem mencionar as oportunidades para cargos tenure track.

Processo 2002/08661-1

Instituição-sede: Esalq-USP

Área: Fisiologia Vegetal/Cana

Isolamento e caracterização de polipeptídeos hormonais em cana-de-açúcar

Dois fatores foram decisivos para o retorno e o desafio de uma carreira no Brasil. O primeiro foi a determinação de minha esposa em não ficar nos EUA, ela também uma bolsista do CNPq e doutora pela WSU. O segundo teve início em 1999, em Baltimore, no congresso da então American Society of Plant Physiologists. Nesse evento, conheci o professor Marcio de Castro, que, além de compartilhar o interesse pela ciência das interações entre plantas e insetos, me apresentou o Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP. O professor Marcio, tendo sido ele próprio um dos selecionados, em 1994, pelo Programa Jovens Talentos da USP, que certamente influenciou a primeira edição do programa JP da FAPESP ocorrida em 1995, já era um entusiasta da iniciativa.

Começava ali a ideia que, em 2002, transformou-se no meu projeto JP para o estudo de peptídeos hormonais vegetais. Recordo ainda que, em 2002, ao receber os pareceres, a FAPESP e o Brasil enfrentavam uma desvalorização do real de 34% em relação ao dólar e uma inflação de 12,53% ao ano. A FAPESP tomou medidas drásticas, suspendendo a concessão de recursos

para importação de equipamentos e insumos. Aqueles que, como eu, estavam em processo de contratação, foram compelidos a converter parte dos recursos concedidos em dólar para real e tiveram equipamentos importados retirados das propostas, amenizando os efeitos da crise. Mesmo nesse contexto, a assinatura do termo de outorga, o início do projeto JP, a autonomia e a liberdade para trabalhar inerentes ao programa marcaram meu retorno e o começo da formação de meu grupo de pesquisa. Hoje tenho certeza: foi também um marco na formação de outros pesquisadores empolgados com os desafios da ciência vegetal que aquele projeto propiciou. São inquestionáveis a força propulsora e a importância que tiveram em minha carreira esses primeiros anos, nos quais, graças ao apoio da Fundação, foi possível formar meu grupo e levar adiante minhas ideias de como fazer ciência.



Fotos: acervo pessoal



Daniel Scherer de Moura

Possui graduação em engenharia agrônoma (UFPEL), mestrado em agronomia (USP), doutorado em fisiologia vegetal (Washington State University, EUA), pós-doutorado no Institute of Biological Chemistry (EUA) e livre-docência em bioquímica de plantas (USP). Já presidiu a Comissão de Pós-Graduação da Esalq-USP, onde é professor associado. Lá também chefiou o Departamento de Ciências Biológicas e atualmente coordena o curso de Ciências Biológicas. É editor de área da revista *Scientia Agricola* e editor sênior da *Annals of Applied Biology*.

À esquerda, o pesquisador (o mais alto, no centro) com a equipe do laboratório financiado pelo projeto JP (circa 2009); e, à direita, em tempos atuais.

Fomento para a expansão da comunidade científica

Dario Simões Zamboni 

Mesmo antes da minha contratação como docente, eu já tinha uma interação muito forte com a FAPESP, uma vez que realizei o doutorado (1998-2003) na Escola Paulista de Medicina da Unifesp com o apoio de uma Bolsa de Doutorado Direto da Fundação. Durante esse período, tive a oportunidade de realizar um estágio de três meses na Universidade Yale, nos Estados Unidos. Com a conclusão do doutorado, iniciei um pós-doutorado pleno no exterior (2003-2006), também na

Universidade Yale, onde permaneci por três anos e meio. Nessa época soube da abertura de um concurso na área de bacteriologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, que sempre admirei pela qualidade da ciência e do ensino. Candidatei-me ao concurso ainda residindo nos Estados Unidos, fui aprovado no final de 2005 e retornei ao país apenas para concluir os trabalhos finais do meu pós-doutorado. Nesse período, ainda nos EUA, redigi e submeti um pedido de Auxílio Jovem Pesquisador à FAPESP.

No momento do meu retorno ao Brasil, assumi a posição de professor doutor na FMRP-USP e, logo em seguida, recebi a aprovação do projeto Jovem Pesquisador da FAPESP, que foi essencial para estabelecer meu novo grupo de pesquisa. À época, me foi disponibilizado um espaço vazio para a instalação do laboratório e o financiamento obtido permitiu adquirir os equipamentos básicos, insumos de rotina e reagentes necessários para o desenvolvimento das pesquisas. Uma vez financiado pelo projeto JP, também pude solicitar e obter bolsas da FAPESP para os meus primeiros alunos. O laboratório, no início de 2007, passou a contar com quatro orientandos.

Processo 2006/52867-4

Instituição-sede: FMRP-USP

Área: Imunologia/Parasitologia

Reconhecimento de patógenos bacterianos por receptores intracelulares e sua importância no controle da infecção microbiana

Acervo pessoal



Acima, o pesquisador (último à direita) e sua equipe no início do laboratório financiado pelo projeto JP; e, abaixo, com a equipe atual.

to da minha carreira como cientista independente. Esse tipo de financiamento possibilita a ampliação e o fortalecimento de novos grupos de pesquisa, evitando que jovens recém-contratados precisem ser alocados em grupos já estabelecidos. Embora essa alternativa possa ser positiva para o grupo de acolhimento e para alguns jovens recém-contratados, muitas vezes ela dificulta a consolidação de linhas próprias de investigação e a formação de novas lideranças científicas.

Acredito que o Programa Jovem Pesquisador da FAPESP é uma das linhas de fomento mais importantes da Fundação, pois garante justamente que jovens talentos tenham, no momento mais crítico das suas carreiras, um financiamento robusto e a oportunidade de estruturar grupos de pesquisa independentes e expandir o número de grupos científicos da nossa comunidade científica. Esse processo é fundamental para assegurar a vitalidade e a pujança da ciência paulista e sustentar o avanço científico e tecnológico do Estado de São Paulo.

Entre 2006 e 2011, o projeto foi fundamental para a nucleação do grupo e o amadurecimento das primeiras linhas de pesquisa. Esse apoio resultou nos primeiros artigos em que atuei como autor correspondente, que foram publicados ao final da vigência do projeto Jovem Pesquisador e foram fundamentais para que eu pudesse pleitear outros auxílios para financiamento das pesquisas no laboratório.

Portanto, posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que o projeto Jovem Pesquisador foi essencial para o desenvolvimen-

Acervo pessoal



Dario Simões Zamboni

É professor titular da FMRP-USP; membro titular da Aciesp e da Academia de Ciências da América Latina; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível A; gestor da Área de Ciências Biomédicas da FAPESP.

‘Fui uma das primeiras Jovens Pesquisadoras FAPESP’

Diana Gonçalves Vidal [↗](#)

Durante as investigações para o meu doutorado, entre 1991 e 1995, frequentei com assiduidade o Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), para levantamento documental. Ao concluir a tese, a professora Marta Rossetti Batista, que à época dirigia a instituição, convidou-me para uma conversa, na qual me apresentou o edital do programa, que então se denominava Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. Propunha que eu elaborasse um projeto para disponibilização da documentação existente no Fundo Fernando de Azevedo.

Processo 1995/09361-6

Instituição-sede: IEB-USP

Área: Educação

A escola na sua materialidade: estratégias e táticas (Distrito Federal, 1927-1930)

A ideia era sedutora. Sem o benefício da bolsa de estudos do doutorado e ainda em fase de prestar concursos para ingresso em uma universidade pública, o programa recém-criado oferecia a oportunidade de continuar a pesquisa acadêmica. Submeti o projeto “A escola na sua materialidade: estratégias e táticas” (processo nº 95/09361-6). A proposta foi aprovada pela agência e passei a formar parte do primeiro grupo de Jovens Pesquisadores da FAPESP. O projeto iniciou-se efetivamente em 1996. Nesse mesmo ano, ingressei como docente da Faculdade de Educação (USP), o que me fez renunciar à bolsa de estudos, mas manter o recurso recebido. Para além da verba para material de consumo, material permanente e reserva técnica, o projeto foi contemplado com seis bolsas de Iniciação Científica.

Com os meus orientandos IC, provenientes dos cursos de graduação em educação e história, formamos, em 1996, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação, ainda ativo e cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPq. As pesquisas deram origem a quatro mestrados, todos com apoio da FAPESP, que repercutiram em três doutorados e posterior ingresso desses antigos bolsistas IC como professores da Unicamp (André Paulilo), UFRJ (José Claudio Sooma Silva) e Unitau (Rachel Abdala). A associação entre o trabalho no IEB

e na FE-USP permitiu meu início como orientadora na pós-graduação e, consequentemente, acompanhar a trajetória acadêmica desses primeiros orientandos na transição para o mestrado e doutorado.

Várias foram as publicações efetuadas durante a vigência do auxílio, com destaque para dois livros – VIDAL, Diana Gonçalves. *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000. v. 1. 215p; e VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, M. C. C. (Org.) *Conversa de educadores: catálogo da correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1999. 92p. – e um CD-ROM, *Reforma de Instrução Pública do Distrito Federal (RJ) 1927-1930*, o que consistia em uma grande novidade tecnológica em 2000, quando saiu a público.

Meu primeiro vínculo com a FAPESP, entretanto, não foi o Programa Jovens Pesquisadores. Durante meu mestrado, tive a oportunidade de gozar de bolsa da agência. Mas posso dizer que o programa JP me abriu as portas da FAPESP. Na Biblioteca Virtual, contabilizam-se 36 bolsas e 12 auxílios concedidos. Dentre eles, encontra-se o Projeto Temático “[Saberes e práticas em fronteiras: por uma história transnacional da educação \(1810-...\)](#)” (Processo nº 18/26699-4), sob minha responsabilidade, concluído em 30 de junho de 2025. O [projeto](#) congregou quatro pesquisadores principais, 21 associados e oito internacionais, espalhando-se por todas as universidades públicas do Estado de São Paulo e com colaborações nos Estados Unidos, México, França, Portugal e Argentina. Durante sua vigência, foram publicados 173 artigos em periódicos e 46 livros, além de capítulos, traduções e materiais didáticos.

O programa estreitou também meu vínculo com o IEB. Entre 2018 e 2022, assumi como diretora da unidade, fechando um ciclo iniciado com Marta Rossetti Batista. Fez germinar, ainda, toda uma linha de investigação sobre a cultura material escolar e a cultura escolar, temáticas incipientes nos anos 1990, que tomaram grande impulso nos anos posteriores e constituíram um dos principais investimentos do Projeto Temático.

No olhar retrospectivo destes 30 anos, é inegável que o Programa Jovens Pesquisadores teve uma importância capital na promoção da minha carreira acadêmica, tanto no que concerne à direção e liderança da pesquisa científica, quanto no que tange à formação de quadros e ao vínculo administrativo-institucional.

Diana Vidal (primeira à esquerda) com seus orientandos de iniciação científica na época do projeto JP.



Acervo pessoal

Acervo pessoal

**Diana Gonçalves Vidal**

É professora titular sênior da FE-USP, onde coordena o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação; orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1A; membro do Theory and History of Education International Research Group (Queen's University,

Canadá); membro do comitê editorial de diversos periódicos científicos, entre eles *History of Education* (UK) e *Encounters in Theory and History of Education* (Canadá); membro do Conselho Científico Internacional do Centro Internacional de la Cultura Escolar (Espanha).

Transformações da fala e da escrita em contexto digital

Fabiana Cristina Komesu 

Tendo cursado comunicação social/jornalismo, foi em aulas da disciplina de língua portuguesa, ministradas por um professor excepcional, então lotado na Unesp de Bauru (hoje, na USP), que eu descobri o interesse pela linguística. Com ele, tive a oportunidade de realizar uma iniciação científica com bolsa PIBIC/CNPq, em meados dos anos 1990, sobre o Bulletin Board System (BBS) que a agência Estadão havia recém-lançado no mercado, em período em que a utilização da internet era limitada no Brasil.

Formada, e tendo tido breve passagem por redações de jornal e revista na cidade de São Paulo, reencontrei-me com os estudos da linguagem no curso de Mestrado em Linguística da Unicamp, em 1998. Por meio da solicitação realizada por minha orientadora, obtive bolsa da FAPESP (minha primeira experiência com a agência) para estudar, no final dos anos 1990, *homepages* (páginas eletrônicas pessoais) da internet, observando, de maneira particular, como aquela escrita digital permitia ao autor construir uma projeção de si no mundo textual.

Os recursos concedidos deram suporte ao trabalho e à vontade de prosseguir. Em 2001, iniciei o curso de doutorado, sob a mesma orientação, agora com financiamento da Capes. Tendo a internet se consolidado como meio de comunicação, e com o surgimento de serviços de redes sociais digitais, voltei-me a blogs da internet na investigação do que avaliei como um paradoxo, à época, entre a exposição pública e um aspecto privado da produção textual escrita.

Com auxílio PDSE/Capes, realizei parte da pesquisa em instituição na França. Quando do retorno ao Brasil, e na iminência da defesa da tese, continuei mirando possibilidades de futuro. Foi quando tomei conhecimento do Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP. Com o projeto de pesquisa “Oralidade e letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital”, propus estudar a relação entre produção oral/falada e letrada/escrita em gêneros discursivos em emergência no ambiente da internet, considerando não apenas seu caráter de ineditismo, com

Processo 2004/14887-8

Instituição-sede: Ibilce-Unesp

Área: Linguística

Oralidade e letramento: o estudo da escrita
no contexto da tecnologia digital



Reportagem publicada no *Jornal da Unicamp* em 2005, ano em que a pesquisadora obteve a bolsa JP. Abaixo, registro feito em 2023, durante conferência no Chile.

Fabiana Cristina Komesu

É professora do Ibilce-Unesp e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível C; gestora da Área de Ciências Humanas e Artes da FAPESP; foi professora visitante na Université Paris-Est Créteil e na Université de Lille (ambas na França).

transformações linguísticas no/do texto, mas também questões gerais (de caráter mais permanente) sobre a linguagem.

A aprovação da proposta, em 2005, permitiu a nucleação de um novo grupo de pesquisa na Unesp, campus de São José do Rio Preto. Em 2006, fui admitida, por concurso, como docente da universidade. Continuei com o Auxílio JP até 2009. Foram inúmeros os resultados científicos divulgados em artigos, livros e capítulos de livros, além de congressos científicos no Brasil e no exterior. No desenvolvimento da pesquisa, formei alunos de graduação e de pós-graduação.

Sou pesquisadora principal de **Projeto Temático FAPESP vigente**, em que se busca analisar evidências de graus de envolvimento e não envolvimento de aprendizes universitários em processos de ensino/aprendizagem síncronos e assíncronos. Também sou a coordenadora da parte brasileira de projeto financiado pelo Programa Capes-Cofecub, voltado à investigação de letramentos e educação científica no contexto de enfrentamento da desinformação (www.grupopledi.com).

As redes de colaboração em pesquisa contam com pesquisadores filiados a instituições de diversos Estados do Brasil, além de países como Estados Unidos, França, Inglaterra, Marrocos e Suécia, dentre outros. A participação no Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP foi de absoluta relevância para a consolidação de minha carreira profissional “coletiva”, ao mesmo tempo, dependente e resultante de políticas públicas de fomento à formação de pesquisadores.

Um Jovem Pesquisador interdisciplinar

Gustavo Martini Dalpian [↗](#)

Entre os anos de 2003 e 2005, eu estava realizando um pós-doutorado no National Renewable Energy Laboratory, nos Estados Unidos. Estudava novos materiais para a geração de energia, como aqueles das células solares, e a pesquisa ia muito bem. Em algum momento decidi que era o momento de buscar novas experiências; foi quando submeti um projeto Jovem Pesquisador (JP) para voltar ao Brasil. Era março de 2005. Ao mesmo tempo, submeti pedidos para fazer um novo pós-doutorado nos EUA. A resposta ao JP chegou sete meses depois e, nesse meio-tempo, eu já havia me mudado para um novo pós-doutorado na Universidade do Texas em Austin, onde fui estudar nanomateriais.

Processo 2005/00668-5

Instituição-sede: Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC
Área: Física

Defeitos complexos em semicondutores:
aplicações em spintrônica e materiais de gap largo

A aprovação da proposta pela FAPESP me deixou muito feliz, mas ao mesmo tempo eu não podia abandonar o pós-doutorado recém-iniciado. O projeto JP previa o estudo computacional de defeitos complexos em materiais semicondutores, focando na spintrônica e em materiais de gap largo. A proposta era executar o JP no Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), em Campinas, que ainda não possuía uma linha de pesquisa computacional. Solicitei uma prorrogação na data de início do projeto à FAPESP, o que foi prontamente atendido. Dessa forma, consegui ficar um ano no Texas e retornei ao Brasil em maio de 2006.

Assim que cheguei ao país, iniciei os trâmites para começar a trabalhar no LNLS. Ao mesmo tempo, participei de um concurso para docente na recém-criada Universidade Federal do ABC (UFABC). Aquele era um dos primeiros concursos lançados por esta universidade, que, na época, existia somente no papel. O fato de já ter um JP concedido foi muito importante para eu ser aprovado em concurso muito competitivo.

Meu JP foi um dos primeiros projetos FAPESP na UFABC. Além dos desafios científicos intrinsecamente inerentes à pesquisa, a UFABC trazia um panorama de desenvolvimento da carreira acadêmica bem pouco usual: era necessário construir salas de aula, laboratórios, cursos

de graduação e pós-graduação dentro de um projeto pedagógico altamente inovador e interdisciplinar.

O principal equipamento financiado pelo projeto JP foi um cluster de computadores. Dado o contexto da criação da UFABC, buscando a interdisciplinaridade e a necessidade de criar grupos de pesquisa, o cluster foi aberto a outros docentes que também haviam acabado de ser contratados. O cluster então sofreu alguns *upgrades* com apoio de projetos destes outros docentes, e isso se tornou uma das sementes da criação do Grupo de Simulação e Modelagem de Átomos, Moléculas e Matéria Condensada (ABCSim), que se mantém ativo até hoje. Este provavelmente foi o primeiro grupo de pesquisa da UFABC. Sua criação viabilizou a aquisição, com recursos da UFABC, do supercomputador Bachianas, que na época era o maior existente no Brasil.

O projeto JP foi fundamental para o desenvolvimento de todas as minhas atividades de pesquisa durante esse início de carreira. Publicamos diversos artigos focando na emergência de sinais magnéticos relativos à superfície de nanomateriais, estudamos materiais orgânicos e as propriedades de defeitos nesses materiais.

A existência desse projeto JP também auxiliou para que eu assumisse papel de liderança na UFABC, onde conduzi o processo de criação do Programa de Pós-Graduação em Nanociências e Materiais Avançados. Atuei como coordenador deste programa e também como vice-reitor e pró-reitor de pós-graduação da instituição.

Em busca de novos desafios, recentemente me mudei para a USP, onde assumi uma posição de professor titular no Instituto de Física. Cerca de 20 anos após a aprovação do projeto JP, fica clara a sua importância para o desenvolvimento de minha carreira. Trata-se de um projeto bastante prestigioso, que abriu portas importantes.

Gustavo Martini Dalpian

É professor titular do IF-USP; gestor da Área de Ciências Exatas e da Terra da FAPESP; editor associado da revista *Discover Materials* (Springer-Nature). Foi vice-reitor e pró-reitor de Pós-Graduação da UFABC; foi professor visitante na Universidade do Colorado em Boulder (EUA).



Acervo pessoal

Virada de chave

Ilana Pinsky Streinger [↗](#)

Sou psicóloga formada pela USP e, desde antes da minha graduação, já trabalhava em pesquisas na área de dependência química, inicialmente como auxiliar de pesquisa. Quando me formei, atuei como psicóloga clínica em intervenção breve de base cognitiva no Departamento de Psicobiologia da Unifesp e, paralelamente, iniciei meu mestrado (defendido em 1993) sobre publicidade de bebidas alcoólicas. Foi a primeira vez que entrei nessa subárea – e me apaixonei pelo tema.

Meu doutorado foi realizado no Departamento de Psiquiatria da Unifesp e contou com bolsa sanduíche da Fulbright/CNPq. Parte do projeto desenvolvi no Center of Alcohol Studies da Rutgers University, em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Esse período foi transformador: mergulhei em metodologia e estatística, áreas que até então eu hesitava em explorar. A transição foi tão natural que iniciei um pós-doutorado na universidade vizinha, a University of Medicine and Dentistry of New Jersey (UMDNJ), onde coordenei projetos em dependência química e atendi pacientes na clínica de sexualidade – uma experiência inédita para mim.

Voltei ao Brasil em 2002 e, paralelamente ao trabalho clínico, senti que era o momento de “me tornar gente grande” como pesquisadora. Nesse contexto, soube do programa FAPESP Jovens Pesquisadores e submeti o projeto “Os jovens e a propaganda de bebidas alcoólicas no Brasil”. Ser contemplada foi uma verdadeira virada de chave: durante vários anos pude me dedicar a uma área fascinante e crucial para as políticas públicas de álcool. Montei uma equipe de pós-graduandos (uma aluna defendeu o mestrado, outro avançou até o doutorado e pós-doutorado), levei-os a congressos – em especial o KBS (Kettil Bruun Society), onde apresentamos diversos trabalhos – e publicamos vários artigos e até um pequeno livro de divulgação.

O *networking* (favorecido pelo financiamento para participação em congressos) foi uma das conquistas mais valiosas desse período. Tive a oportunidade de colaborar com alguns dos

Processo 2003/06250-7

Instituição-sede: Escola Paulista de Medicina da
Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp)
Área: Psiquiatria/Saúde Pública

Os jovens e a propaganda de bebidas alcoólicas
no Brasil

principais nomes internacionais da área, como Thomas Babor, autor principal da obra seminal *Alcohol: No Ordinary Commodity*, referência mundial em políticas públicas do álcool. Sempre busquei também divulgar os resultados para o público geral e estabelecer parcerias com grupos de *advocacy*, como a ACT Promoção da Saúde – uma ONG que atua com base em evidências na defesa de políticas públicas de saúde, incluindo o controle do álcool – com o objetivo de informar cientificamente e fortalecer políticas públicas no Brasil.

Com o tempo, percebi que o papel do cientista não é permanecer em uma neutralidade distante, mas produzir conhecimento sólido, baseado em evidências, e compartilhá-lo de forma a influenciar políticas públicas e transformar ambientes sociais. Essa etapa consolidou minha identidade como pesquisadora. Nos anos seguintes, atuei em instituições como a Universidade Columbia (Estados Unidos) – onde coordenei um projeto sobre saúde mental e problemas relacionados ao álcool em Moçambique –, a Fiocruz, a OMS e a Opas.

Atualmente, mantenho minha prática clínica, sou pesquisadora associada da Rutgers University e venho me dedicando cada vez mais à divulgação científica. Tenho cerca de 90 artigos científicos publicados, além de diversos livros, e hoje assino uma coluna na revista *Veja*, onde escrevo sobre saúde mental e seus múltiplos atravessamentos, incluindo a dependência química.

Fotos: acervo pessoal



A pesquisadora em palestra ministrada em 2014 (à esquerda), no Colégio Bandeirantes, e nos dias atuais.



Ilana Pinsky Streinger

Trabalha como psicóloga clínica em consultório particular e como colunista da revista *Veja*. Foi pesquisadora no Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde da ENSP-Fiocruz e no The National Center on Addiction and Substance Abuse (EUA). Foi pesquisadora visitante no Urban Food Policy Institute da City University of New York (EUA), além de professora afiliada da Unifesp e professora associada da Columbia University (EUA). Foi consultora do Departamento de Promoção da Saúde da OMS e consultora da Opas.

‘Foi decisivo para meu retorno ao Brasil’

Ischia Teresinha Lopes Cendes 

Recebi o Auxílio Jovem Pesquisador (JP) da FAPESP em 1996, quando o programa ainda estava em seus primeiros anos. Esse apoio foi decisivo para meu retorno ao Brasil e para o estabelecimento da carreira acadêmica na Unicamp. Naquele momento, eu estava concluindo meu doutorado na Universidade McGill, no Canadá, e não cogitava voltar sem um financiamento robusto, que me permitisse montar um laboratório competitivo. O JP foi exatamente essa oportunidade.

Lembro-me de enviar o projeto em um dia de inverno rigoroso em Montreal, cheia de esperança. A aprovação não veio de imediato: recebi críticas, reformulei e reapresentei. Com o fim do doutorado se aproximando, eu precisava decidir entre permanecer no exterior, onde havia ofertas, ou enfrentar o desafio de retornar. A notícia da aprovação foi um marco: acreditei que seria possível voltar à Unicamp, onde havia feito minha graduação em medicina e a residência em pediatria.

Com o auxílio já garantido, instalei-me na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. O financiamento inicial possibilitou a aquisição de equipamentos essenciais, a formação da primeira equipe e o desenvolvimento de linhas próprias de pesquisa em neurogenética, dando continuidade ao trabalho com doenças neurológicas, o que eu havia já iniciado no meu doutorado. O impacto do JP foi muito além da infraestrutura inicial: proporcionou autonomia científica, visibilidade e credibilidade para competir por outros financiamentos, atrair estudantes e pós-doutorandos e estabelecer colaborações nacionais e internacionais. A partir desse ponto, minha carreira se consolidou com a publicação de centenas de artigos, a formação de dezenas de pesquisadores e a participação em grandes projetos, como o Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) Instituto Brasileiro de Neurociência e Neurotecnologia ([BRAINN](#)) e a criação da Iniciativa Brasileira de Medicina de Precisão ([BIPMed](#)), pioneira no compartilhamento de dados genômicos na América Latina.

Processo 1995/09659-5

Instituição-sede: FCM-Unicamp

Área: Neurogenética

Determinação da frequência e das características moleculares das mutações dinâmicas responsáveis por doenças neurodegenerativas

Hoje, como professora titular, membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Mundial de Ciências, olho para trás e reconheço que o JP foi o catalisador de tudo o que veio depois. Ele não apenas viabilizou meu retorno ao Brasil, mas também me permitiu contribuir para o avanço da ciência e para a formação de novas gerações de cientistas. Nos 30 anos do programa, tenho orgulho de ser um exemplo concreto de como o investimento em jovens pesquisadores transforma trajetórias individuais e fortalece de forma duradoura o sistema de pesquisa nacional.



Ischia Teresinha Lopes Cendes

É professora titular da FCM-Unicamp, onde chefia o Laboratório de Genética Molecular; membro da Aciesp, da ABC e da TWAS; pesquisadora principal do CEPID BRAINN e membro do Comitê Gestor da BIPMed, que ajudou a fundar; consultora da OMS. Já recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por sua contribuição na pesquisa sobre as epilepsias e doenças neurodegenerativas, com destaque para suas investigações pioneiras de integração de múltiplas camadas ômicas para elucidar mecanismos de doença nas epilepsias e para os estudos sobre a arquitetura genômica da população brasileira, que têm servido de base para o avanço da medicina de precisão no país e na América Latina.

Um centro emergente em uma instituição consolidada

Jean Paul Walter Metzger [↗](#)

Ao retornar ao Brasil após concluir o doutorado na França, em 1996, eu estava ávido por aplicar os meus recém-adquiridos conhecimentos em ecologia da paisagem para ampliar o entendimento e fortalecer a proteção da Amazônia, esse imenso patrimônio biocultural do país.

Graças a um financiamento do CNPq, destinado a apoiar o retorno de jovens pesquisadores ao Brasil, tive a oportunidade de visitar centros de pesquisa em Manaus, Belém e São Luís do Maranhão. Ao longo dessas visitas, um projeto em especial chamou minha atenção: o “Projeto Capoeira”, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa da Embrapa em Belém (CPATU) em parceria com instituições de pesquisa da Alemanha. A iniciativa buscava modificar o sistema tradicional de agricultura de corte e queima, esta última responsável por grande perda de nutrientes, pela trituração da vegetação secundária (as capoeiras) após o corte. Esse projeto apresentava um grande potencial para tornar esse modo de produção tradicional mais sustentável, trazendo benefícios diretos a inúmeras famílias que praticavam agricultura de subsistência na Amazônia. Ademais, essa prática favorecia a redução do desmatamento e o aumento do tempo de pousio [descanso do solo], mudando a dinâmica e a estabilidade da paisagem. Esse contexto oferecia amplas oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas teóricas e aplicadas relacionadas à dinâmica da paisagem, ao controle do desmatamento e à promoção de práticas agrícolas sustentáveis.

Apesar do meu desejo inicial de me mudar para a Amazônia, acabei sendo aprovado em um concurso para docente na Universidade de São Paulo, o que me levou a iniciar minhas pesquisas na região tendo a USP como base. A FAPESP era, sem dúvida, a melhor opção para sustentar esse trabalho e, à época, o Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes havia acabado de ser lançado, encaixando-se perfeitamente tanto no perfil de projeto que eu buscava desenvolver quanto no de pesquisador que a Fundação pretendia apoiar. Considerando que a ecologia da paisagem, com enfoque espacial e ecológico, representava então uma linha emergen-

Processo 1996/10336-9

Instituição-sede: IB-USP

Área: Ecologia Aplicada

Efeito de padrões de uso e ocupação das terras
na estrutura dinâmica de paisagens da Amazônia

te de pesquisa, foi relativamente fácil justificar a proposta de criação de um Centro Emergente em Ecologia da Paisagem, mesmo estando inserido em uma instituição já altamente consolidada.

O apoio da FAPESP foi fundamental para a criação do Laboratório de Ecologia de Paisagens e Conservação (LEPaC), que ao longo do tempo se consolidou como referência no Brasil e no exterior tanto em pesquisas sobre ecologia de paisagens quanto na formação de pesquisadores e gestores, dotados de sólida base teórica em ecologia espacial e sistemas de informação geográfica.

Olhando retrospectivamente, o apoio da FAPESP, por meio do Programa Jovens Pesquisadores, foi decisivo no início da minha carreira científica, garantindo minha ancoragem no Brasil e possibilitando a rápida estruturação das bases logísticas, laboratoriais, de processamento de dados e de pesquisa de campo. Esse suporte foi fundamental para impulsionar minhas pesquisas e, ao mesmo tempo, viabilizar rapidamente minha contribuição na formação de novos pesquisadores. Esse programa atuou como um catalisador poderoso, criando as condições necessárias para que, em pouco tempo, eu pudesse submeter, e obter, um Projeto Temático, consolidando assim meu grupo de pesquisa.

Ao compartilhar essa experiência com colegas do exterior, tornou-se ainda mais evidente que, graças ao apoio da FAPESP e da USP, encontrei em São Paulo condições excepcionais, em muitos aspectos superiores às que teria caso tivesse me estabelecido fora do país, para o desenvolvimento do meu laboratório e da minha equipe de pesquisa.

Jean Paul Walter Metzger

É professor titular da USP, atuando no Instituto de Biociências e no Instituto de Estudos Avançados; diretor do Núcleo de Análise e Síntese de Soluções Baseadas na Natureza (BIOTA Síntese), um CCD da FAPESP; editor-chefe da revista *Perspectives in Ecology and Conservation* e membro do Comitê Científico do Centro de Síntese em Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (SinBiose/CNPq). Foi autor de quatro avaliações da IPBES, fundador do Capítulo Brasileiro da Associação Internacional de Ecologia da Paisagem (IALE-BR) e vice-presidente da IALE (2013-2015).



Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Alicerce para a ciência emergente

João Pereira Leite [↗](#)

Sou médico neurologista formado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde cursei residência em neurologia. Minha trajetória acadêmica, impulsionada pelo interesse em epileptologia, incluiu mestrado e doutorado na Escola Paulista de Medicina (Unifesp), sob orientação do professor Esper Abrão Cavalheiro. Durante esse período, participei do desenvolvimento e da caracterização do modelo experimental da pilocarpina, que passou a ser um dos mais utilizados mundialmente nos estudos dos mecanismos básicos da epileptogênese por reproduzir com bastante fidelidade as características da epilepsia do lobo temporal humana.

Ao concluir o doutorado, busquei especialização em neuropatologia aplicada à epilepsia na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Estados Unidos. Integrei o grupo do professor Jerome Engel Jr., sob orientação do professor Thomas L. Babb, referência mundial em neuropatologia de epilepsia farmacorresistente. Essa experiência foi crucial para o aprendizado em metodologias de ponta no estudo neuropatológico humano e experimental, consolidando minha formação e compreendendo a importância da pesquisa translacional que integra modelos animais com estudos em tecido humano de pacientes submetidos à cirurgia.

No final de 1995, ainda na UCLA, vislumbrava o desafio de repatriar esse conhecimento e estabelecer uma linha de pesquisa no Brasil. Foi quando tomei ciência, por meio do professor Esper Cavalheiro, do recém-criado Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes da FAPESP. Reconhecendo uma oportunidade ímpar, submeti o projeto “Estudo clínico-patológico e experimental da epilepsia do lobo temporal”.

Aprovado em 1996, o projeto foi o catalisador para o meu retorno e consolidação profissional. Mais do que financiamento, representou a base fundadora de uma linha de pesquisa em neuropatologia das epilepsias na FMRP-USP, que se mostrou fundamental na consolidação das

Processo 1995/09248-5

Instituição-sede: FMRP-USP

Área: Medicina/Neurologia

Estudo clínico-patológico e experimental
da epilepsia do lobo temporal

pesquisas do Centro de Cirurgia de Epilepsia de Ribeirão Preto (Cirep). Os recursos permitiram implantar um laboratório especializado, adquirir equipamentos e, crucialmente, recrutar e formar meus primeiros alunos de iniciação científica e pós-graduação, estabelecendo as bases para um grupo de pesquisa que perdura até os dias atuais e que foi essencial para os avanços no tratamento de pacientes com epilepsia farmacorresistente.

Sob o meu entendimento, o Programa Jovens Pesquisadores demonstrou ser, e até hoje continua sendo, uma iniciativa fundamental de investimento em capital humano qualificado, permitindo que uma geração de cientistas florescesse e contribuísse para a construção da ciência paulista e brasileira. Considero o programa um dos mais bem-sucedidos da FAPESP, pelos seus expressivos resultados na formação e consolidação de lideranças em pesquisa em todo o Estado de São Paulo, transformando o potencial individual em impacto coletivo para o avanço científico.

O pesquisador na época do projeto JP (acima), durante um congresso, e em dias atuais.

João Pereira Leite

É professor titular da FMRP-USP, onde chefa o Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento. Também coordena o Programa de Pós-Graduação em Neurologia da instituição. Atua como gestor da Área de Ciências da Saúde da FAPESP e editor sênior do periódico *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* para a área de Investigação Clínica.



Fotos: acervo pessoal



Projeto ajudou a criar centro dedicado à descoberta de novos medicamentos

Katlin Brauer Massirer 

Após realizar o doutorado integral nos Estados Unidos, seguido de pós-doutorado curto (dois anos), ambos na Universidade da Califórnia em San Diego (Estados Unidos), obtive uma bolsa da Capes para o doutorado pleno na mesma instituição, mas com o compromisso de retornar ao Brasil. À medida que o momento de voltar se aproximava, verifiquei as possibilidades oferecidas pelas universidades do Estado de São Paulo e comecei a escrever o projeto JP.

Em 2011 decidi prestar concurso para a Unicamp, que oferece uma carreira especificamente dedicada à pesquisa, mais alinhada aos meus objetivos. E ingressei como pesquisadora no Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética (CBMEG).

O financiamento concedido pela FAPESP por meio do projeto JP, intitulado “Redes de regulação pós-transcricional por proteínas de ligação a RNA em células-tronco embrionárias humanas”, permitiu montar no CBMEG o Laboratório de Biologia Molecular e o Laboratório de Cultura de Células. Também possibilitou o aceite de alunos e o cadastro no Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular do Instituto de Biologia da Unicamp, um programa nota 7 (a maior da Capes). Inicialmente, recrutei três alunos de mestrado e uma técnica (TT3). Assim comecei a pesquisa em proteínas que regulam processo de RNA nas células, em modelos de câncer e em modelos neuronais derivados de células-tronco.

No segundo ano do JP tive minha primeira filha. Na época, não era usual interromper as reuniões com alunos e o andamento do projeto, que continuaram ao longo da licença-maternidade. Atualmente, os alunos e colegas têm uma maior compreensão em relação a esse período.

Durante o desenvolvimento do projeto, tive excelentes interações com os colegas do CBMEG, principalmente dra. Edi Sartorato e dr. Paulo Arruda. Organizamos dois congressos internacionais na Unicamp com financiamento da FAPESP. Em 2015, dr. Arruda, com grande visão

Processo 2012/00195-3

Instituição-sede: CBMEG-Unicamp

Área: Biologia Molecular

Redes de regulação pós-transcricional por proteínas de ligação a RNA em células-tronco embrionárias humanas

em parcerias público-privadas, me convidou para montarmos um centro de química medicinal e inserir o projeto JP nessa iniciativa. Ele havia recebido a aprovação de um projeto PITE-FAPESP no CBMEG, que contaria com a parceria do Structural Genomics Consortium (SGC), um consórcio de ciência aberta voltado à descoberta de novas moléculas. Juntos montamos o Centro de Química Medicinal (CQMED). As perguntas propostas no JP foram integradas ao centro, com foco no desenvolvimento de moléculas avançadas que possam levar a novos medicamentos.

Em 2017, conquistamos um INCT e montamos a inscrição para concorrer a uma Unidade Embrapii em Fármacos/Biofármacos. Com esse resumo, retomo a importância do JP para nuclear grupos de pesquisa em áreas de ponta e incentivar os jovens a se inserir nos projetos mais avançados e internacionais do centro/instituto em que estão alocados.

Hoje coordeno um laboratório formado por cinco docentes afiliados, com aproximadamente 20 pessoas, parcerias público-privadas e um montante de R\$ 30 milhões em projetos contratados nos últimos oito anos.



Fotos: acervo pessoal

O laboratório coordenado pela pesquisadora na Unicamp antes (2013) e após o projeto JP (2018).



Katlin Brauer Massirer

É pesquisadora do CBMEG-Unicamp; coordenadora do CQMED, uma Unidade Embrapii de Inovação Industrial na área de Fármacos/Biofármacos sediada na Unicamp; e coordenadora do INCT 2014: Centro de Química Medicinal de Acesso Aberto, apoiado por FAPESP e CNPq. Atua como orientadora no Programa de Genética e Biologia Molecular do Instituto de Biologia da Unicamp.

Jovem Pesquisador na virada do século 20 para 21: um depoimento pessoal

Klaus Werner Capelle 

Quando ouvi pela primeira vez sobre a bolsa Jovem Pesquisador (JP), por volta de 1998, pensei que se tratasse de algum tipo de iniciação científica direcionada a alunos da graduação. Logo em seguida, percebi ter interpretado a palavra “jovem” no nome da bolsa de forma errada: tratava-se de uma modalidade de apoio para a fase crítica entre o pós-doutorado e o emprego fixo como professor universitário.

Há uma grande diferença entre as atividades de um jovem pós-doutor e um professor. O pós-doutor está empenhado em construir sua carreira acadêmica a partir da própria pesquisa, construindo um portfólio de publicações e palestras, além de uma rede de contatos acadêmicos, enquanto o professor dedica uma grande parte do seu tempo à gestão de projetos, a atividades didáticas, dentro e fora da sala de aula, e à orientação e colaboração científica. Pouco se prepara o pós-doutor para essa mudança no perfil das suas atividades após a contratação como professor.

A bolsa de JP, junto com o auxílio JP, cumpre um papel estratégico ao permitir que o bolsista assuma responsabilidades maiores, administre seu próprio auxílio à pesquisa na FAPESP e se envolva com atividades em sala de aula e de orientação, enquanto nucleia um grupo de pesquisa por meio do qual amplia e aprofunda suas atividades científicas.

No meu caso particular, após dois anos muito agradáveis e instrutivos de pós-doutorado com o prof. Luiz Nunes de Oliveira, no Instituto de Física de São Carlos da USP, o próprio Luiz Nunes me sugeriu uma bolsa JP como próximo passo da minha carreira acadêmica – sugestão que abracei com entusiasmo. Mas havia um obstáculo: naquela época a bolsa ainda se chamava “Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes” e a USP, reconhecidamente uma das melhores universidades do mundo, não poderia ser considerada emergente. Argumentamos que bastava ser emergente na área específica do projeto proposto (no caso, uma subárea da

Processo 1999/06270-0

Instituição-sede: Instituto de Física de São Carlos da
Universidade de São Paulo (IFSC-USP)

Área: Física

Magnetismo na teoria do funcional da densidade

teoria do funcional da densidade), argumento que foi aceito pela FAPESP e me permitiu realizar o projeto no grupo de Albérico Borges Ferreira da Silva, no Instituto de Química de São Carlos da USP, entre 1999 e 2003.

Uma breve análise quantitativa ilustra a importância dos anos como Jovem Pesquisador da FAPESP. Pessoalmente, considero meu período como pesquisador produtivo os anos do início do meu mestrado, em 1992, à transição da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFABC para a Reitoria da mesma universidade, em 2014, quando passei a me dedicar quase exclusivamente à gestão acadêmica e a projetos educacionais. Os quatro anos como bolsista Jovem Pesquisador correspondem a 18% desses 22 anos. No entanto, de acordo com o Web of Science, seis dos meus dez artigos mais citados foram pesquisados e/ou redigidos naqueles quatro anos. Essa proporção de 60% da produção mais impactante ter origem em 18% do intervalo de tempo ilustra a importância da bolsa JP na minha vida científica.

Foi um período rico, não apenas em trabalhos, mas também em termos de experiências acadêmicas e crescimento pessoal, e devo enorme gratidão ao Luiz Nunes, ao Albérico e à FAPESP por terem viabilizado essa oportunidade.

Klaus Werner Capelle

É professor titular do CCNH-UFABC; foi reitor e pró-reitor de Pesquisa da UFABC. Desde 2022, conduz atividades educacionais para jovens com alto potencial para a ciência no Instituto Internacional de Física

da UFRN. Foi pesquisador/professor visitante nas universidades de Missouri at Columbia (EUA), Bristol (Inglaterra), Lund (Suécia) e Freie Universität Berlin (Alemanha). Recebeu o Certificate of Appreciation da Sociedade Americana de Química (2011) e o prêmio Outstanding Referee da Sociedade Americana de Física (2012), ambos pelos serviços de parecerista/avaliador de trabalhos científicos. É membro do Conselho do Ranking Universitário da Folha de São Paulo e presidente do Conselho Curador do Instituto Principia.



Acervo pessoal

Chancela que abre portas

Leandro Machado Colli [↗](#)

Sou professor de oncologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP e tenho um Auxílio Jovem Pesquisador desde 2021. Após concluir toda a minha formação na USP, fui para os Estados Unidos em 2013 para um pós-doutorado no National Cancer Institute (NCI-NIH), na área de epidemiologia molecular de câncer renal. Em 2019, foi aberto um concurso na FMRP-USP. Eu prestei, fui aprovado e então retornei ao Brasil. Era uma vaga muito alinhada aos meus interesses profissionais, mas uma das minhas grandes angústias em voltar ao Brasil era manter as linhas que eu havia desenvolvido no NIH. Esse foi um dos questionamentos da banca do concurso e eu disse muito claramente: olha, meu principal foco em financiamento é o Jovem Pesquisador.

Trata-se de um programa de alto sucesso da FAPESP, porque investe um recurso substancial em jovens com perfil de liderança internacional, permitindo conduzir projetos audaciosos. No meu caso, desenvolvi três linhas de pesquisa. Uma está relacionada à epidemiologia molecular. Criamos uma rede no Estado de São Paulo por meio da qual coletamos e organizamos amostras de cinco centros diferentes em câncer renal para um consórcio mundial que estuda fatores de risco e etiologia de câncer renal. Outra linha, mais funcional, visa entender de que modo esses fatores de risco, que são alterações genômicas, afetam a biologia do tumor. Identificamos uma variante de câncer renal, específica para as populações brasileira e africana, que nenhum estudo anterior tinha achado. Essa variante tem uma frequência relativamente baixa, mas um efeito alto dentro do contexto de câncer renal. E há ainda uma parte mais clínica. Conduzimos no Sistema Único de Saúde (SUS) um estudo clínico de fase 2 de um imunoterápico para tratamento de câncer renal. Graças ao apoio do Hospital de Clínicas da FMRP-USP e de uma indústria farmacêutica, que fez a doação das drogas, conseguimos tratar cem pacientes que de outro modo não teriam a oportunidade de receber a imunoterapia devido ao custo dos medicamentos, que chega a R\$ 70 mil por mês. O estudo ainda está em andamento e já temos 15 pessoas curadas.

Processo 2020/10960-5

Instituição-sede: FMRP-USP

Área: Oncologia/Genômica Funcional

Susceptibilidade genética ao câncer renal

No início do projeto JP, o laboratório abrigava eu e mais duas pessoas. Hoje somos cerca de 30. O crescimento se deve, em parte, a outros financiamentos da FAPESP e de outras agências, que foram decorrentes do JP. E essa é uma parte importante do programa: ele dá uma chancela que abre portas e favorece parcerias internacionais. Eu sou testemunha do impacto que esse auxílio traz.

O JP tem sido um financiamento muito especial e importante na minha carreira, pois me permitiu fazer a transição do pós-doutorado para a docência – saindo de um instituto totalmente dedicado à pesquisa para uma universidade com ensino, pesquisa e extensão – sem ficar desassistido e com capacidade de responder às minhas perguntas científicas.

Leandro Machado Colli

É professor doutor da FMRP-USP e chefe da disciplina de Oncologia Clínica do Departamento de Imagens Médicas, Hematologia e Oncologia Clínica. Coordena o Serviço de Oncologia Clínica do Hospital das Clínicas da FMRP-USP. Atua como assessor da Diretoria Científica da FAPESP.



Phelipe Janning/Agência FAPESP

Do laboratório à clínica: o alicerce de uma carreira dedicada a transformar o cuidado oncológico no Brasil

Lidia Maria Rebolho Batista Arantes 

Minha trajetória acadêmica sempre foi guiada pela curiosidade em compreender a biologia do câncer e pelo desejo de transformar descobertas científicas em benefícios reais para os pacientes. Antes da concessão do Auxílio Jovem Pesquisador da FAPESP, minha formação se consolidou na interface entre pesquisa básica e aplicada: realizei o mestrado (2010), doutorado (2014) e dois pós-doutorados em oncologia molecular (entre 2014 e 2018), além de um pós-doutorado no Hillman Cancer Center (2018-2020), da Universidade de Pittsburgh (Estados Unidos), em imuno-oncologia. Foi nesse período nos Estados Unidos que submeti a proposta do JP, movida pela ambição de, ao retornar ao Brasil, liderar uma linha de pesquisa independente. O maior desafio era estruturar um grupo próprio, com acesso a tecnologias de ponta e parcerias que transformassem ideias em resultados concretos.

O apoio da FAPESP, por meio do Programa Jovens Pesquisadores, foi decisivo nesse processo. Com o JP, estabeleci no Hospital de Câncer de Barretos uma linha inédita: o Grupo de Imuno-Oncologia, dedicado à caracterização do microambiente imune em pacientes com melanoma e câncer de pulmão tratados com imunoterapia. Embora os inibidores de *checkpoint* tenham revolucionado a oncologia, ainda é expressiva a parcela de pacientes que não responde ou desenvolve resistência. Nosso objetivo é identificar biomarcadores que permitam selecionar os pacientes que realmente se beneficiarão dessa abordagem, promovendo o uso racional da imunoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS).

Um dos avanços mais importantes alcançados foi o desenvolvimento de um painel personalizado de biomarcadores, atualmente em processo de patenteamento, capaz de auxiliar na predição de resposta à imunoterapia. Esse resultado traduz ciência em inovação com potencial de aplicação direta na prática clínica, representando não apenas um ganho científico, mas também um passo concreto em direção à medicina personalizada no Brasil.

Processo 2019/07111-9

Instituição-sede: Hospital de Amor

Área: Imunologia

Inibidores de checkpoint imunológico:
imunofenotipagem e desfecho clínico para predição
de resposta no Hospital de Câncer de Barretos

O auxílio também foi fundamental para a criação de uma infraestrutura robusta e para o estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais, abrindo portas para colaborações estratégicas e para a formação de recursos humanos altamente qualificados. Acredito que um dos maiores legados do projeto seja justamente esse: preparar jovens cientistas para atuar em uma área em rápida expansão, fortalecer a pesquisa translacional no país e contribuir para que avanços científicos se traduzam em melhores estratégias terapêuticas para os pacientes. Nesse sentido, é uma grande satisfação destacar que minha primeira orientação de doutorado, viabilizada por este auxílio JP, rendeu o Prêmio Capes de Tese 2025 na área da Medicina I, um reconhecimento que evidencia a excelência e o impacto da formação proporcionada pelo programa.

O Programa Jovens Pesquisadores foi essencial para minha independência científica e abriu caminhos que hoje me permitem conduzir pesquisas de alta relevância com apoio não apenas da FAPESP, mas também de outras agências de fomento. Para mim, o JP representou muito mais que o início de um projeto: foi o alicerce de uma carreira dedicada a investigar, com profundidade e relevância social, como a imunoterapia pode transformar o cuidado oncológico no Brasil.

Fotos: acervo pessoal



Lidia Maria Rebolho Batista Arantes

É docente e pesquisadora do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor (antigo Hospital de Câncer de Barretos). Coordena a disciplina de Imuno-Oncologia na pós-graduação da mesma instituição. Integra diversos consórcios internacionais de pesquisa sobre o câncer. Figura entre os vencedores do Prêmio Veja Saúde & Oncoclínicas de Inovação Médica (2023).



À esquerda, a pesquisadora, ainda em formação, em uma sala de cultura celular; à direita foto tirada durante entrevista concedida à emissora EPTV para divulgar resultados de sua pesquisa.

A carioca que trocou Ipanema pela FAPESP

Lygia da Veiga Pereira Carramaschi [↗](#)

Depois de cinco anos fazendo o Ph.D. em genética humana em Nova York, e com um convite para fazer um pós-doutorado em Stanford, na Califórnia, percebi estar desconectada da comunidade científica brasileira e resolvi voltar ao país temporariamente, antes de começar a nova etapa nos Estados Unidos. Em 1994, retornei ao Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, na UFRJ, onde durante uma iniciação científica me apaixonei por genética molecular e me converti de física a geneticista.

Qual não foi minha surpresa quando familiares e amigos, que tanto orgulho tinham das minhas pesquisas nos EUA, discretamente desprezavam a nova posição na UFRJ e insistiam que eu deveria mesmo era abrir um laboratório de teste de paternidade... Ainda, a academia carioca, apesar de brilhante em recursos humanos, padecia das limitações de financiamento do governo federal, praticamente a única fonte de verba para pesquisa no RJ. O contraste com a estrutura pujante de pesquisa dos EUA foi muito doído.

Quem me apresentou à USP foi a professora Mayana Zatz, que conheceu meu trabalho pelos artigos científicos do doutorado. Acabei vindo para São Paulo atraída pelos vários grupos que trabalhavam em genética humana no Instituto de Biociências, trabalhando no grupo da Mayana com uma bolsa do CNPq. E foi aqui que conheci a FAPESP e seu papel fundamental no apoio à pesquisa no Estado de São Paulo.

Durante minha estada como bolsista, foi lançado o Programa Jovem Pesquisador (JP). Vi ali uma oportunidade única para estabelecer minha linha de pesquisa própria e submeti um projeto para desenvolver modelos animais para a síndrome de Marfan, doença genética que eu estudei no doutorado. A geração desses modelos é uma ferramenta poderosa de pesquisa desenvolvida em 1989, nos EUA, mas que até aquele momento, 1995, não tinha sido implantada no Brasil. No

Processo 1996/09031-9

Instituição-sede: IB-USP

Área: Genética

Desenvolvimento de um modelo animal para a síndrome de Marfan através da manipulação do genoma do camundongo



Lygia da Veiga Pereira Carramaschi

É professora titular do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do IB-USP, onde chefia o Laboratório Nacional de Células-Tronco Embrionárias (LaNCE). Integra o CEPID Centro de Terapia Celular (CTC). Lidera o Projeto DNA do Brasil (www.dnabr.science). É fundadora da startup gen-t.

doutorado eu tinha aprendido a técnica, que envolve o trabalho com células-tronco embrionárias (CTEs) de camundongos, sua modificação genética e, a partir delas, a geração de camundongos geneticamente modificados, ou knockout (KO).

Acho que na época nem me dei conta direito do impacto que o Programa JP teria na minha vida acadêmica e pessoal. O projeto foi aprovado e, em seguida, passei em um concurso no IB – logo, não precisei da bolsa. Com a verba da FAPESP e o espaço que o departamento me cedeu, construí do zero um laboratório plenamente equipado para desenvolver os camundongos KO – da biologia molecular até a cultura de CTEs. A parte in vivo ficou por conta de uma colaboração com o professor José Antônio Visintin, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP. O programa ainda permitiu que eu incorporasse ao meu grupo dois pesquisadores russos experts em cultura de CTEs murinas que estavam sem oportunidades no Rio de Janeiro.

O JP foi fundamental para eu me estabelecer como pesquisadora independente e me fixar no país: nunca voltei para aquele pós-doc em Stanford... Por isso tudo, repito sempre com gratidão que essa carioca trocou Ipanema pela FAPESP!

‘Programa ajudou a superar a lacuna tecnológica e científica que separava o Brasil das potências em C&T’

Margaret de Castro 

Em 1995, o mundo vivia uma transformação nas ciências da vida – especialmente na biologia molecular, área que vinha se consolidando como um dos pilares da biotecnologia moderna. Países do mundo desenvolvido, como Estados Unidos, Europa e Japão, já haviam incorporado fortemente a biologia molecular como nova linguagem científica, enquanto o Brasil ainda dava os primeiros passos. De março de 1994 a janeiro de 1996, com apoio financeiro da FAPESP, realizava meu pós-doutoramento no National Institutes of Health (NIH), Bethesda, EUA, onde desenvolvia pesquisa utilizando métodos de biologia molecular no estudo da estrutura, função e mecanismos de ação do gene do receptor humano do glicocorticoide em síndromes de resistência ao glicocorticoide.

Processo 1995/09920-5

Instituição-sede: FMRP-USP

Área: Biologia Molecular

Estudo da estrutura e da função do gene do receptor do glicocorticoide humano em edenomas hipofisários produtores de ACTH

Ainda nos EUA, recebi do professor Roberto Passetto Falcão, a quem sou extremamente grata, as diretrizes gerais de um novo programa da FAPESP: Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. Esse programa buscava fortalecer o sistema de C&T no Estado, estimulando a formação de novos núcleos de pesquisa. Também eram elegíveis pesquisadores que pretendessem iniciar novas linhas de pesquisa em instituições já consolidadas. Essa oportunidade coincidiu com a fase profissional em que se tornava clara a minha opção pela carreira universitária.

A concessão do projeto e da Bolsa Jovem Pesquisador foram fundamentais para a criação, sob minha responsabilidade, de um novo núcleo de pesquisa na área de endocrinologia e metabologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Assim, estruturamos o atual Laboratório de Biologia Molecular aplicado às doenças endócrinas, com financiamento para a aquisição de equipamentos modernos, compra de insumos e apoio à formação de recursos humanos, além de bolsas de iniciação científica e de pós-graduação.

O Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP teve papel visionário. Ao atrair jovens doutores – notadamente aqueles com pós-doutorado no exterior, como era o meu caso – e garantir-lhes condições efetivas de atuação, o programa estabeleceu as bases para o surgimento de uma geração de cientistas que mais tarde protagonizaria projetos genômicos pioneiros no país.

Ao longo das três décadas, nosso laboratório evoluiu com os avanços tecnológicos, incluindo transcriptômica de célula única, transcriptômica espacial, estudos de reprogramação de células-tronco humanas pluripotentes, construção de organoides e edição gênica, contribuindo para o melhor conhecimento da tumorigênese adrenocortical e hipofisária. Do ponto de vista pessoal, o programa teve um papel estratégico ao me apoiar em um momento em que eu ainda estava em processo de afirmação profissional como pesquisadora. Do ponto de vista institucional, o programa ajudou a superar a lacuna tecnológica e científica que separava o Brasil das potências em ciência e tecnologia. Trinta anos após sua criação, com diretrizes atualizadas e alinhadas aos desafios contemporâneos, o programa segue sendo uma prioridade estratégica da FAPESP, com papel renovado nas políticas de ciência e tecnologia. Que sua história de sucesso continue inspirando novas gerações de pesquisadores.



Acervo pessoal

Margaret de Castro

É professora titular da FMRP-USP, instituição da qual já foi diretora (2016-2020). Presidiu o Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas (HC) da FMRP-USP e o Conselho Curador da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Assistência do HC-FMRP. É membro da Aciesp. Já recebeu cerca de 20 prêmios em congressos científicos nacionais e internacionais – um dos mais recentes foi o Prêmio Luiz César Póvoa 2024 (*foto*), concedido pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, em reconhecimento pela contribuição em atividades de prática clínica, pesquisa, ensino, publicação científica, formação profissional e liderança em endocrinologia e metabologia.

‘Foi uma oportunidade única de me reinserir no ambiente científico nacional’

Oswaldo Keith Okamoto 

A evasão de cérebros permanece como um dos desafios ao desenvolvimento científico e tecnológico do país. Deparei-me com essa situação há cerca de 25 anos. Em maio de 2000, imediatamente após finalizar meu doutoramento no Departamento de Bioquímica do Instituto de Química da USP, orientado pelo dr. Pio Colepicolo, eu tive a oportunidade de iniciar um pós-doutorado na Harvard University, no laboratório do dr. John Woodland Hastings. Nessa ocasião, trabalhei muito próximo ao dr. Hastings e à dra. Thérèse

Wilson, pesquisadora associada ao laboratório. Encontrei-me imerso em um ambiente acadêmico altamente estimulante e favorável ao meu desenvolvimento profissional. Foi uma experiência muito produtiva e transformadora, que ampliou a minha visão sobre ciência, tecnologia e sociedade. Na etapa final do meu pós-doutorado, surgiram opções concretas de continuar atuando em pesquisa no exterior. Entretanto, a despeito das nossas conhecidas adversidades, sempre nutri o desejo de estabelecer meu próprio grupo de pesquisa no Brasil. À época, porém, não encontrei concursos abertos de ingresso docente em universidades no país. À medida que o tempo passava, a carência de oportunidades profissionais no Brasil me afligia e direcionava minhas atenções às vagas que surgiam nos EUA.

Foi então que, conversando com alguns colegas cientistas, tomei conhecimento do Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes da FAPESP, recente à época, e enxerguei nele uma oportunidade única de me reinserir no ambiente científico nacional. Ainda nos EUA, elaborei um projeto de pesquisa na área de genômica de células-tronco, com a esperança de encontrar uma instituição em São Paulo onde pudesse desenvolvê-lo. Em uma rápida visita ao Brasil, por intermédio do dr. Erney Plessmann de Camargo e do dr. Luis Fernando Aranha Camargo, conheci o dr. Nelson Hamerschlak, então superintendente do recém-criado Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein (IIEPAE), ligado ao Hospital Albert Einstein, que se mos-

Processo 2002/01826-5

Instituição-sede: Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein (IIEPAE)

Área: Biologia Molecular

Controle redox de expressão gênica: caracterização de redes regulatórias e seu envolvimento na diferenciação de células-tronco (*stem cells*)

trou bastante favorável à minha proposta científica. Para minha satisfação, meu projeto foi aprovado pelo Comitê Científico do IIEPAE e, posteriormente, pela FAPESP, viabilizando meu retorno ao Brasil no ano de 2003. O projeto JP me proporcionou condições para supervisionar estudantes, treinar pesquisadores, gerenciar infraestrutura e recursos de pesquisa, bem como coordenar iniciativas científicas de maneira independente. Com o amadurecimento, segui na carreira acadêmica, inicialmente como professor adjunto na Escola Paulista de Medicina da Unifesp, onde tive a grata oportunidade de integrar o Grupo de Neurologia Experimental liderado pelo dr. Esper Cavalheiro. Em 2010, ingressei como professor doutor no Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências (IB) da USP, onde tive a satisfação de integrar o Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco, dirigido pela dra. Mayana Zatz. Ao longo dos anos no IB-USP, realizei minha livre-docência e hoje sou professor titular. A partir da linha de pesquisa iniciada no meu projeto JP, nucleiei um grupo de pesquisa que se consolidou na área de biologia de células-tronco e câncer. Nosso grupo permanece colaborando ativamente com pesquisadores do Hospital Albert Einstein, da Unifesp e de outras instituições nacionais e internacionais. Nessa trajetória acadêmica, fui acolhido por pessoas muito generosas e tive a FAPESP como companheira constante, cujo apoio nas mais diversas modalidades de fomento à pesquisa tem sido fundamental para as iniciativas do nosso grupo.

Hoje, compreendo melhor a real importância que o Programa JP teve na minha carreira. Sem ele, meu retorno ao Brasil teria sido muito mais difícil e minha trajetória profissional teria sido diferente. Por essa razão, sou grato à FAPESP, permanecendo empenhado em propagar essa importante modalidade de apoio a jovens cientistas com os quais tenho interagido.

Oswaldo Keith Okamoto

É professor titular do IB-USP; membro do CEPID Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco (CEGH-CEL), do Centro de Estudos e Tecnologias Convergentes para a Oncologia de Precisão da USP e do Comitê de Medicina de Precisão da Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica.



Fotos: acervo pessoal



O pesquisador analisando uma cultura de células-tronco hematopoiéticas de sangue de cordão umbilical durante o projeto JP (circa 2004); e em Colóquio do Núcleo de Terapias Avançadas (NUTERA), na USP de Ribeirão Preto (2025).

Alicerce para a independência científica

Patricia Chakur Brum 

É com imensa satisfação que compartilho minha experiência e os desdobramentos do apoio financeiro da FAPESP, por meio do projeto Jovem Pesquisador, para a consolidação da minha carreira científica. Sou fisiologista do exercício e minha dedicação à pesquisa básica, durante o doutorado, com o intuito de compreender os mecanismos envolvidos nos benefícios do exercício físico na saúde cardiovascular, foi impulsionada por estudos epidemiológicos de grande escala. Esses estudos demonstravam uma forte associação inversa entre os níveis de atividade física e a incidência de doenças cardiovasculares. Ainda, o primeiro posicionamento do Colégio Americano de Medicina do Esporte sobre condicionamento físico para indivíduos saudáveis ocorreu em 1990 e para indivíduos com doença arterial coronariana em 1994, um marco, pois consolidou evidências científicas e forneceu as primeiras diretrizes formais para prescrição, abordando os benefícios do exercício físico em pacientes com doenças cardiovasculares.

Assim, no final da década de 90, pesquisas direcionadas aos mecanismos fisiológicos dos benefícios do exercício físico em doenças crônicas apresentavam um crescimento exponencial. Após essa breve contextualização, ressaltarei a contribuição da FAPESP, que me apoiou em 1999 quando iniciei o pós-doutorado na Universidade Stanford, sob a supervisão do professor Brian Kobilka, laureado anos depois com o Prêmio Nobel em Química. Em Stanford tive a oportunidade de estudar a sinalização adrenérgica em camundongos com inativação gênica para receptores alfa 2 A e C adrenérgicos e em cultura primária de neurônios simpáticos. Em um dos estudos que publiquei no pós-doutorado, demonstrei que esses camundongos desenvolviam insuficiência cardíaca induzida por hiperatividade simpática. Seria um ótimo modelo para estudar o potencial impacto do exercício físico sobre a sinalização adrenérgica e transientes de cálcio no coração e músculo esquelético destes animais.

Processo 2002/04588-8

Instituição-sede: EEFÉ-USP

Área: Educação Física

Efeito do treinamento físico na cardiomiopatia induzida por hiperatividade simpática em camundongos knockout para os receptores alfa 2a e alfa 2c adrenérgicos

Logo após meu retorno ao Brasil, submeti um projeto Jovem Pesquisador à FAPESP, sendo contemplada no mesmo ano (2002). Esse apoio possibilitou a estruturação de um laboratório independente na Escola de Educação Física e Esporte da USP (Figura 1), a criação de uma linha de pesquisa própria e de vanguarda, no que se refere a estudos com fisiologia celular e molecular do exercício no Brasil. Recebemos pesquisadores visitantes da área de fisiologia do exercício de todo o Brasil e seus alunos em estágios de pequena duração para discussão de projetos e treinamento de métodos que propiciaram várias colaborações científicas prolíficas que ampliaram substancialmente o alcance e a competitividade do nosso grupo de pesquisa. Nosso laboratório produziu pesquisa inovadora e competitiva em âmbito nacional e internacional.

Um dos principais impactos do projeto JP foi a formação de recursos humanos altamente qualificados, o que foi uma grande satisfação. Durante a vigência do projeto, tive a oportunidade de formar os meus primeiros oito pós-graduandos. Destes, quatro se estabeleceram como professores em universidades públicas, dois como professores de universidades privadas e um trabalha com pesquisa no exterior.



Acervo pessoal



Cristina Lacerda/ABC

A pesquisadora na época do projeto JP (à esquerda) e durante posse como membro da ABC, em 2024.

Patricia Chakur Brum

É professora titular do ICB-USP e da EEFE-USP, onde coordena o Laboratório de Fisiologia Celular e Molecular do Exercício; membro titular da ABC e do Conselho Consultivo do Instituto Questão de Ciência. Foi membro da Coordenação da Área de Saúde da FAPESP. Em 2021 venceu o Prêmio Octavio Frias de Oliveira, na categoria “Pesquisa em Oncologia” e em 2023 foi finalista do Prêmio Inspiradoras da Avon, na categoria “Atenção ao Câncer de Mama”.

Outro aspecto fundamental propiciado pelo fomento JP foi o reconhecimento institucional. O financiamento fortaleceu minha posição como líder de pesquisa na área de fisiologia celular e molecular do exercício, contribuindo para a projeção da minha instituição e para a formação de uma nova geração de cientistas. Sou a terceira doutora formada e a primeira mulher doutora na área de Educação Física do Brasil. Também figuro entre as primeiras pesquisadoras bolsistas do CNPq na minha área com bolsa nível 1A. O amadurecimento profissional e o reconhecimento institucional me deram a oportunidade de ocupar posições de destaque na ciência nacional e, no ano de 2024, fui eleita como membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Também contribuí durante vários anos como coordenadora da área da Saúde III na FAPESP e com a Comissão de Pesquisa da minha unidade e na Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. Cabe também ressaltar que a experiência adquirida no projeto JP aumentou minha competitividade em fomentos subsequentes, incluindo auxílios regulares, SPRINTS, auxílio temático e colaborações internacionais. Indubitavelmente a FAPESP me acompanha desde a época em que fui bolsista, no meu primeiro projeto financiado até os dias de hoje, pavimentando minha carreira acadêmica.

Em síntese, o projeto Jovem Pesquisador representou um marco em minha trajetória acadêmica, funcionando como alicerce para a consolidação da independência científica, a formação de novos pesquisadores e o fortalecimento da ciência produzida no país. Sou muito grata à FAPESP.

Meu caminho na pesquisa: entre conquistas e recomeços com o apoio da FAPESP

Patricia Sartorelli 

Logo após a defesa do meu doutorado, em setembro de 2000, fui contratada para lecionar nos cursos de Química e Biologia do Centro Universitário Fieo (Unifieo), em Osasco. Durante a entrevista, manifestei meu interesse em, além de ministrar disciplinas como Química Orgânica e Bioquímica, submeter um projeto de pesquisa à FAPESP na área de Química de Produtos Naturais – área em que havia desenvolvido meu mestrado e doutorado.

Na época, contei com o apoio do então pró-reitor de Pesquisa, Dr. Luiz Carlos Azevedo, a quem sou profundamente grata. Assim, submeti um projeto ao Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. Inicialmente, acreditei que o Unifieo pudesse ser considerado um centro emergente, já que não possuía tradição em pesquisa. Contudo, nos primeiros pareceres, embora eu tenha sido reconhecida como uma jovem pesquisadora, a instituição não pôde ser enquadrada nessa categoria, pois sua estrutura era considerada voltada apenas para atividades de ensino.

Diante desse cenário, trabalhei em conjunto com outros pesquisadores da instituição e conseguimos o apoio da gestão para investir na criação de um laboratório de pesquisa compatível com projetos financiados pela FAPESP. Paralelamente, foi instituída a figura do Pesquisador Responsável, com carga horária docente reduzida para viabilizar o desenvolvimento de pesquisas. Com essas mudanças estruturais, o projeto de pesquisa intitulado “Análise fitoquímica de espécies vegetais e avaliação de atividades biológicas das substâncias isoladas” acabou sendo aprovado em 2003, e foi inaugurado o Centro de Estudos Químicos (CEQ) do Unifieo, destinado a professores com projetos financiados por agências de fomento.

Nesse contexto, iniciei meus trabalhos com espécies vegetais coletadas em Osasco, contando com alunos de iniciação científica dos cursos de Química e Biologia. Alguns recebiam bolsas

Processo 2010/05023-1

Instituição-sede: EPM-Unifesp

Área: Química de Produtos Naturais

Análise fitoquímica de espécies vegetais e avaliação de atividades biológicas das substâncias isoladas

institucionais do CNPq, enquanto os mais promissores conseguiam bolsas da FAPESP. Mais tarde, com a abertura do curso de Farmácia no período matutino – que atraía alunos mais bem preparados devido à maior concorrência –, passei a orientar também bolsistas desse curso.

Foram anos desafiadores. Muitas vezes precisei eu mesma estar na bancada, conduzindo experimentos para garantir a geração de dados, o cumprimento dos objetivos do projeto e a publicação dos resultados. Depois de três anos de desenvolvimento na instituição privada, percebi que só seria possível alcançar um avanço significativo com a participação de alunos de pós-graduação – algo inviável naquele contexto. A lógica de pesquisa em instituições particulares era diferente, e não vislumbrava muitas perspectivas de me consolidar na carreira acadêmica permanecendo no Unifesp. Essa percepção se confirmou mais tarde, com o fechamento do CEQ, quando a instituição enfrentou dificuldades financeiras.

Nesse cenário, em 2006, durante a expansão das universidades federais no primeiro governo Lula, abriram-se concursos em diversas áreas da Química na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Diadema, que reunia os cursos de Química, Farmácia, Ciências Biológicas e Engenharia Química. Vi nessa oportunidade a chance de consolidar minha carreira em uma universidade pública, com acesso a programas de pós-graduação e melhores condições para desenvolver pesquisa.

Candidatei-me ao concurso na área de Química Orgânica e fui aprovada. Logo depois, transferi meu projeto Jovem Pesquisador para a Unifesp e, mais uma vez, o apoio da FAPESP foi essencial: foi aprovado um aditivo ao projeto que teve papel decisivo nesse recomeço na universidade pública. Graças a esse suporte, consegui dar continuidade às pesquisas, que seguiram sendo financiadas pela FAPESP, primeiro pelo Jovem Pesquisador e, mais tarde, também por projetos regulares.

Patricia Sartorelli

É professora titular do ICAQF-Unifesp, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Biologia Química; é membro do CEPID Instituto Paulista de Resistência aos Antimicrobianos (Projeto ARIES); integra a Rede de Pesquisa Produtos Naturais contra Doenças Negligenciadas (ResNet NPND), sediada na Universidade de Münster (Alemanha).



Acervo pessoal

Registro da época do projeto JP: a pesquisadora (segunda à direita) com alunos de iniciação científica e um colega professor do Unifesp.

Mais que um financiamento, um impulso para inovar

Pedro Alexandre Favoretto Galante [↗](#)

Quando iniciei meu grupo de pesquisa em bioinformática e genômica no Hospital Sírio-Libanês, em 2011, sabia que precisava encontrar uma linha de investigação inédita, capaz de gerar impacto e, ao mesmo tempo, ser viável a partir de análises computacionais, multiômicas e alinhada com a realidade brasileira de financiamento à pesquisa. Foi nesse contexto que decidi dedicar meus esforços ao estudo das retrocópias, cópias gênicas originadas por retrotransposição e frequentemente negligenciadas na literatura, uma escolha ousada para a época (e ainda hoje). Mas o meu sonho científico se consolidou em 2013, com a concessão do meu primeiro projeto Jovem Pesquisador da FAPESP (“Retrocópias: origens, polimorfismos e variações somáticas”, vigência de 2013 a 2017).

Processo 2018/15579-8

Instituição-sede: Hospital Sírio-Libanês

Área: Genética/Biologia Molecular

Retroelementos: uma força motriz criando novidades genéticas no genoma humano e de camundongos

Esse projeto foi determinante para estruturar meu grupo. Ele me deu as condições necessárias – equipamentos, recursos humanos e fomento intelectual – para colocar em prática uma agenda/sonho de pesquisa inovadora e original. A partir dele, formei minhas primeiras parcerias internacionais na área, eu e meus alunos publicamos resultados pioneiros e, sobretudo, consegui criar um grupo fértil para novos projetos e formação de pessoas. Esse JP-FAPESP foi o impulso inicial que me permitiu transformar uma ideia arriscada em uma linha de investigação consolidada.

Em 2018, a FAPESP lançou o JP-2, um formato que se encaixava perfeitamente na fase em que me encontrava: recém-egresso de um JP, ainda em transição para projetos de maior porte, mas já com maturidade científica para ousar mais. Em 2019, fui contemplado com um projeto JP-fase 2 (“Retroelementos: uma força motriz criando novidades genéticas no genoma humano e de camundongos”, vigência de 2019 a 2025). Esse segundo auxílio ampliou muito a atuação do meu grupo de pesquisa na área. Nele, investigamos retrocópias em humanos e também em múltiplas espécies, expandindo a perspectiva evolutiva e abrindo portas para colaborações em

consórcios internacionais, como o Vertebrate Genomes Project (VGP), no qual meu grupo faz um estudo de retrocópias em centenas de genomas de vertebrados.

O impacto desses dois JPs foi profundo. Eles não apenas garantiram a criação, o desenvolvimento e a continuidade da linha de pesquisa que se tornou a marca do meu grupo, mas também me deram condições de diversificar investigações para além das retrocópias, avançando em temas de genômica do câncer, particularmente no estudo de síndromes hereditárias, isoformas de splicing e resistência a terapias-alvo. Essa consolidação científica refletiu-se também na formação de recursos humanos: ao longo dos projetos, orientei estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, que hoje seguem carreiras independentes em outras instituições no Brasil e exterior. Adicionalmente, o fomento dos JPs me permitiu participar de congressos internacionais, interagir com líderes de grandes consórcios e ver minha equipe contribuir para avanços científicos significativos. Sem os dois JPs, esse percurso teria sido muito mais difícil ou até mesmo impossível. O programa foi, para mim, não apenas um financiamento, mas uma verdadeira “plataforma de inovação”, que possibilitou a criação de um grupo de pesquisa competitivo, conectado e inovador.

Olhar para trás e perceber essa trajetória é também reconhecer o papel estratégico que o Programa Jovens Pesquisadores exerce no fortalecimento da ciência brasileira. Sinto-me honrado de ter sido beneficiário em dois momentos cruciais da minha carreira e grato por ter podido transformar esse investimento em ciência, formação de pessoas e contribuição para a comunidade científica nacional e internacional.

Pedro Alexandre Favoretto Galante

É pesquisador sênior do Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês, onde também atua como coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. É professor colaborador e orientador no Departamento de Bioquímica do IQ-USP. Foi um dos vencedores do Prêmio Octavio Frias de Oliveira de 2015, na categoria “Pesquisa em Oncologia”; foi pesquisador pleno no Ludwig Cancer Research (Estados Unidos) e membro da diretoria da Associação Brasileira de Bioinformática e Biologia Computacional.



Fotos: acervo pessoal

Em 2015, durante a vigência do projeto JP1, um trabalho do grupo de Galante recebeu o Prêmio Octavio Frias de Oliveira; abaixo, registro de 2014 feito no data center que abriga os computadores comprados com o auxílio JP1.



‘Foi o maior projeto que liderei até hoje’

Pedro José Floriano Ribeiro 

Ingressei como docente concursado na UFS-Car em 2010, e o começo da carreira de qualquer jovem professor é sempre desafiador – faltam recursos e equipe de pesquisa, sobram funções administrativas e burocráticas. Antes do Projeto JP, minha tese sobre a organização interna do Partido dos Trabalhadores (PT) havia recebido o Prêmio Capes de Teses, o que significava um bom impulso inicial na carreira. No entanto, em vez de me man-

ter nos estudos sobre o partido, decidi expandir o foco rumo a todos os maiores partidos políticos do Brasil, o que era um desafio muito maior. A aprovação do projeto JP em meados de 2012 foi fundamental para perseguir essa ambição, bem como para o desenvolvimento de minha carreira em uma instituição que não possuía qualquer tradição na área específica. Vigente entre 2012 e 2017, o projeto “Estado, partidos políticos e sociedade no Brasil Contemporâneo” foi o maior que liderei até hoje, em termos de ambições, fôlego de pesquisa e recursos envolvidos. O objetivo geral era traçar uma radiografia das estruturas dos principais partidos brasileiros por meio da coleta exaustiva de dados a respeito de diversos aspectos que compõem suas organizações.

A importância do apoio da FAPESP se desdobrou em várias facetas. Primeiro, a agenda de pesquisas sobre organizações de partidos políticos ainda era muito incipiente e questionada na ciência política brasileira da época, necessitando de validação científica frente a outras agendas bem mais consolidadas – como sistemas partidários, eleições ou relacionamento executivo-legislativo. O investimento da FAPESP foi fundamental para conferir essa legitimidade. Por outro lado, esse apoio permitiu o recrutamento de estudantes para a formação de uma larga equipe de pesquisa, fundamental para o amplo esforço de coleta e construção de bases de dados inéditos. Foram vários bolsistas de iniciação, treinamento técnico e mestrado, direta ou indiretamente vinculados ao projeto. A construção de uma infraestrutura básica de pesquisa (computadores etc.), suportando toda a equipe, também foi possibilitada pelo projeto JP. Por fim, os recursos da reserva técnica e dos benefícios complementares permitiram a internacionalização da pesquisa,

Processo 2012/05132-0

Instituição-sede: CECH-UFSCar

Área: Ciência Política

Estado, partidos políticos e sociedade no Brasil
Contemporâneo

com minha participação em diversos eventos no exterior. Essa internacionalização seria acelerada com a aprovação de um projeto SPRINT FAPESP em 2015, vinculado ao JP, em parceria com a Queen's University of Belfast – o que seria a minha primeira colaboração internacional mais sólida. A gradual inserção internacional dessas pesquisas, iniciada com o JP, culminaria na entrada de nosso grupo no Political Party Database Project (PPDB), uma rede colaborativa mundial que tem feito avançar as fronteiras do conhecimento na área dos partidos políticos.

Olhando em retrospectiva, é difícil imaginar como seria a minha carreira sem aquela aposta inicial da FAPESP, em um momento delicado para qualquer pesquisador – a transição e ingresso na carreira, após o doutorado.

Pedro José Floriano Ribeiro

É professor do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar; foi coordenador da Área de Ciência Política e Relações Internacionais e gestor da Área de Humanidades – ambos na Diretoria Científica da FAPESP; foi professor visitante na Universidade de Notre Dame (EUA) e na Universidade de Cambridge (Reino Unido). Recebeu o Prêmio Capes de Teses (2009), o Prêmio Olavo Brasil de Lima Jr. (2014), conferido pela Associação Brasileira de Ciência Política, e o prêmio da revista *Regional and Federal Studies* (2021), pelo melhor artigo publicado no periódico no ano anterior. Foi editor associado da *Brazilian Political Science Review* (2016-23).



O pesquisador durante palestra ministrada em 2019.

O Jovem Pesquisador que virou PIPE

Rafael Silva Rocha 

A minha experiência com o Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP começou em 2013, quando voltei para o Brasil após realizar doutorado e pós-doutorado na Espanha (onde fiquei de 2007 até 2012). Enviei o projeto ainda sem ter vínculo como professor e, embora bem avaliado, não foi aprovado de primeira. Ao longo de 2013 e 2014, durante meu pós-doutorado com bolsa FAPESP, trabalhei em melhorias do projeto e, em 2014, após minha aprovação no concurso para docente na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, submeti novamente a proposta, que foi aprovada.

Processo 2012/22921-8
Instituição-sede: FMRP-USP
Área: Biologia Sintética

Abordagens de biologia sintética para decifrar os mecanismos de integração de sinais em promotores bacterianos complexos

Nesse período como docente, o recurso aportado pela FAPESP por meio do Programa Jovens Pesquisadores foi fundamental para nuclear um grupo de pesquisa de ponta e altamente competitivo. Naquela época, o valor recebido em dólar era equivalente a um projeto de grande porte que eu teria obtido em algum centro de excelência na Europa, algo da ordem de US\$ 200 mil a US\$ 300 mil. Ou seja, mesmo estando no Brasil, eu tinha acesso a um volume de recursos significativo para executar minha pesquisa no mesmo padrão do nível europeu de competitividade. Esse apoio foi fundamental para nossa pesquisa na área de biologia sintética.

O Projeto JP possibilitou a condução de um número significativo de experimentos, que resultaram em um grande volume de publicações em revistas de alto impacto, como ACS Synthetic Biology. Foram cerca de 25 artigos no período. Além do recurso financeiro, a participação no programa nos deu acesso a bolsas da FAPESP para os pós-graduandos recrutados durante o período de formação do grupo. Conseguimos aprovar bolsas BEPE para pelo menos cinco ou seis estudantes do meu laboratório. Estes tiveram a possibilidade de visitar centros de excelência no exterior e lá realizar parte complementar da pesquisa, reforçando a qualidade científica das dissertações e teses geradas.

Nesse contexto, o programa foi fundamental para o direcionamento de uma pesquisa de ponta e formação de recursos humanos. Hoje, a maioria desses estudantes se encontra no exterior

Rafael Silva Rocha

É sócio-fundador das startups ByMyCell e BlackGenn. Foi professor doutor e professor associado no Departamento de Biologia Celular e Molecular da FMRP-USP, onde obteve o título de livre-docente em 2018. Foi membro do corpo editorial do periódico mSystems, da American Society for Microbiology, e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Fotos: acervo pessoal



Acima, Rocha (último à direita) com a equipe da empresa ByMyCell; abaixo, lançamento da plataforma ByMySoil+ para mapeamento da microbiota do solo.

trabalhando em empresas ou instituições de pesquisa de ponta, o que demonstra o potencial do programa para a formação de recursos humanos de qualidade que, certamente, após esse período de formação, voltarão para o Brasil para contribuir também para a ciência nacional.

Ao mesmo tempo, o programa serviu de base para que eu submetesse, ainda no quarto ano de projeto, um Auxílio Temático, que foi aprovado pela FAPESP. Este fomento permitiu dar continuidade ao nosso grupo de pesquisa nos mesmos níveis de excelência que havíamos alcançado no primeiro projeto.

Em 2022, eu me desliguei do cargo de professor associado da USP e passei a atuar como pesquisador em uma empresa de base tecnológica que fundei, a ByMyCell. Nela, tive a oportunidade de acessar outros programas da FAPESP, como o Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE), por meio do qual novamente pude ter acesso a recursos significativos para impulsionar o desenvolvimento de tecnologias. Assim, pude trabalhar na geração de produtos e serviços de alto valor e impacto que hoje estão a serviço da sociedade. Em nosso caso, focamos no uso de análises genômicas para estudo de solo agrícola visando uma produção mais sustentável por meio da adoção de bioinsumos.

Acredito que o grau de confiança que a Fundação depositou na minha pesquisa impulsionou minha trajetória acadêmica, garantiu acesso a recursos de maneira significativa em termos de volume financeiro e também em prazo de execução de projeto. Esse processo foi fundamental para desenvolver um grupo sólido, capaz de gerar ciência de qualidade sem restrições orçamentárias geralmente encontradas no Brasil. Isso também foi fundamental para formar os alicerces da pesquisa que nós hoje continuamos desenvolvendo em nossa empresa de base tecnológica. Considero que esse programa foi um grande diferencial na minha trajetória acadêmica e até hoje eu consigo observar seus impactos na minha trajetória, agora como empreendedor.

Projeto estabeleceu as bases da pesquisa em energia fotovoltaica na USP

Roberto Zilles 

Na década de 1990 as oportunidades, após a conclusão do doutorado, para os que pretendiam seguir atuando em pesquisa estavam limitadas ao programa de Bolsa Recém-Doutor do CNPq e às escassas iniciativas de contratação de doutores por empresas. Essas condições de contorno circunstanciais, certamente, colaboraram para a migração de recém-doutores para o exterior. Como concluí meu doutorado fora do Brasil em 1993, vivenciei essas condições de contorno e optei por me incorporar ao Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo (IEE-USP) no final de 1994, por meio de uma bolsa Recém-Doutor do CNPq, cuja vigência era de 24 meses. Era uma situação temporária, embora muito importante, que estava limitada ao pagamento de bolsa sem recursos para o desenvolvimento da pesquisa.

Em 1995 a FAPESP lançou o Programa Jovens Pesquisadores, que, além de conceder bolsa por um período de até cinco anos, concedia também apoio financeiro, custeio e material permanente para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Ou seja, o Programa Jovens Pesquisadores abriu uma oportunidade que não havia e foi essencial para a fixação de muitos pesquisadores no sistema de pesquisa, inovação, ensino e extensão no Estado de São Paulo.

Eu me fixei no sistema paulista de pesquisa, ensino e extensão por meio do apoio da FAPESP, Programa Jovens Pesquisadores, processo nº 1995/09242-7, com o projeto denominado “Programa para o desenvolvimento das aplicações da energia solar fotovoltaica”.

O apoio inicial concedido permitiu estabelecer uma estrutura de pesquisa, consolidada no Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, com 30 anos de atuação ativa no desenvolvimento tecnológico das aplicações da energia solar fotovoltaica. O que em 1995 era uma aposta em centro emergente hoje está estabelecido na estrutura organizacional do IEE-USP com corpo técnico de especialistas de laboratório que dá suporte às atividades de pesquisa e atua

Processo 1995/09242-7

Instituição-sede: IEE-USP

Área: Energia Solar

Programa para o desenvolvimento das aplicações da energia solar fotovoltaica

na prestação de serviço por meio da realização de ensaios de avaliação de conformidade de equipamentos fotovoltaicos. A infraestrutura está acreditada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) para a realização de ensaios e calibração de piranômetros para medição da radiação solar.

O projeto JP, além de ter permitido a minha fixação no sistema de pesquisa, inovação, ensino e extensão, possibilitou o desenvolvimento de contribuições importantes no contexto técnico regulatório para a inserção dos sistemas fotovoltaicos na eletrificação rural e na geração distribuída. Portanto, não há dúvida quanto à importância do Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP na consolidação das atividades associadas com as aplicações da energia solar fotovoltaica no Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. Esta situação também está evidenciada em outros centros que se desenvolveram com o apoio do Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP.

Roberto Zilles

É professor titular do IEE-USP; coordenador do INCT Desenvolvimento das Aplicações da Energia Solar Fotovoltaica do CNPq e membro do corpo editorial da revista *Progress in Photovoltaics: Research and Applications*. Foi pesquisador do Instituto de Energia Solar da Universidad Politécnica de Madrid (Espanha).



Fotos: acervo pessoal

O pesquisador em 1995, época do projeto JP, e em 2024.



‘Programa teve forte influência em iniciativas de maior envergadura’

Silvio Ferraz Mello Filho 

Logo que defendi meu doutoramento, em 1998, a professora Lucia Santaella, à época coordenadora do PPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, propôs que continuasse as pesquisas que ali desenvolvia com apoio do Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP. A esse projeto JP foram associadas duas bolsas de pós-doutoramento, que permitiram a mim e ao meu colega Fernando Iazzetta continuarmos as atividades no

Laboratório de Linguagens Sonoras da PUC-SP conduzindo atividades de pesquisa, coordenação de disciplina de pós-graduação, orientações e supervisões, bem como coordenação de um centro de pesquisa voltado à música dentro daquele programa de pós-graduação *stricto sensu*.

O projeto apresentado, intitulado “Ambiente de composição e performance com suporte tecnológico”, previa não apenas a pesquisa propriamente dita, mas também a readequação e atualização de equipamentos e softwares em uso no Laboratório de Linguagens Sonoras da PUC-SP – um dos primeiros estúdios universitários a sediar pesquisas em criação com suporte tecnológico no Brasil, com larga participação em eventos no Brasil e no exterior, sobretudo quando consideramos que chegou a agregar mais de 20 jovens pesquisadores que trabalhavam diretamente sob nossa supervisão e orientação, sem contar outros tantos que trabalhavam diretamente com a professora Santaella e o professor Arthur Nistrovski.

À época passamos a fazer parte do fórum de softwares do Institut de recherche et coordination acoustique/musique (Ircam), também com acesso ao recém-criado Max Signal Processing (MAX/MSP), ambiente de programação que ainda hoje é referência no tratamento de áudio em tempo real, com interface de programação com a prática musical.

O projeto teve duração de quatro anos, entre 1997 e 2001. Ao longo desse período, além das atividades como coorientadores de projetos na própria PUC-SP também coordenamos o Centro de Estudos em Linguagem Musical (CLM-PUC-SP), reunindo os pesquisadores na área de

Processo 1996/05379-0
Instituição-sede: PUC-SP
Área: Música

Ambiente de composição e performance musical
com suporte tecnológico

música no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Além do estímulo à participação em eventos científicos e artísticos (sobretudo apresentação de obras musicais em concertos), anualmente os trabalhos eram apresentados em seminário interno denominado Fórum-CLM, aberto também a pesquisadores de outras universidades.

Tal experiência serviu de base aos projetos que, a partir de 2002, Iazzetta e eu desenvolvemos como professores na USP e Unicamp, respectivamente, com Projetos Temáticos, Auxílios à Pesquisa, mais de uma centena de bolsistas de IC, MS, DR e pós-doc, além da coordenação de centros e grupos de pesquisa. Na Unicamp, coordenei o Grupo de Estudo em Criação Musical (GPCrim-Unicamp), e Iazzetta, na USP, o Núcleo de Sonologia (Nusom) – ainda bastante ativo –, dando continuidade às atividades que antes eram desenvolvidas no centro de estudos da PUC-SP.

Ter coordenado o projeto JP nos permitiu, logo à saída do doutoramento, lançar-nos no problema constante de um professor universitário: gerenciar recursos e equipe de pesquisa. Além disso, abriu caminho para atividades futuras. Por outro lado, a importância nacional da FAPESP e do Programa Jovens Pesquisadores acabou tendo forte influência em nossas atuações perante outros projetos e assessorias, coordenadorias de pós-graduação e direções de maior envigadura nas universidades em que atuamos. Destaco aqui a longa participação de Iazzetta no conselho assessor da FAPESP e minha atuação como presidente da Comissão de Pesquisa da ECA na Reitoria da USP, bem como a coordenação do projeto Musarts (Musica Articulata Scientia), realizado pela FAPESP na gestão do professor José Fernando Perez em 2003 e 2004, que visava a criação de um instituto virtual de pesquisa interligando música, ciência e tecnologia.



Fotos: acervo pessoal

À esquerda, defesa de doutorado de Rogério Costa (saxofone), orientando de Silvio Ferraz (ao centro) no âmbito do projeto JP, em 2003, no Departamento de Música da ECA-USP. À direita, em dias atuais.

Silvio Ferraz Mello Filho

É professor titular da ECA-USP e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1. Foi professor associado do IA-Unicamp, diretor pedagógico da Emesp Tom Jobim e diretor do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão. Já coordenou o Centro de Estudos em Linguagem Musical da PUC-SP. Com intensa produção artística, seus trabalhos já foram apresentados em festivais de música nacionais e internacionais.

‘Fortaleceu minha posição como referência na área de bioenergia e biorrefinarias’

Tânia Forster Carneiro 

Eu, Tânia Forster Carneiro, possuo mestrado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), doutorado pela Universidad de Cádiz (UCA), Espanha, e pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pesquisas voltadas para a valorização de biomassa e resíduos. Ao longo de minha formação, eu acumulei experiência em tecnologias inovadoras, que nortearam meus interesses nas áreas de bioenergia e biorrefinarias. Ou seja, antes da solicitação do Auxílio Jovem

Pesquisador (JP), eu já acumulava experiência em projetos voltados para tecnologias sustentáveis alinhadas com os princípios de economia circular e desenvolvimento sustentável.

A aprovação do projeto “Waste2energy” em 2018 representou um marco na minha carreira, pois permitiu a consolidação de uma nova linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos da Unicamp. Pela primeira vez orientei estudantes de pós-graduação em projetos que propõem o uso de resíduos da indústria de alimentos para a produção de biocombustíveis e bioprodutos.

A oportunidade de liderar iniciativa de tamanha relevância não apenas ampliou minha expertise técnica, mas também fortaleceu minha posição como referência na área de bioenergia e biorrefinarias.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, consegui estabelecer parcerias estratégicas com pesquisadores renomados, tanto nacionais quanto internacionais. O JP2 possibilitou o envio de estudantes com bolsa BEPE para diversos países, como Estados Unidos, Dinamarca, Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal. Esse intercâmbio trouxe-me imensa satisfação profissional, pois pude contribuir para a realização de sonhos, promovendo ao mesmo tempo a formação pessoal dos estudantes e benefícios para a sociedade.

Após um ano de intenso trabalho, fui contratada pela Unicamp como docente e pesquisadora, fortalecendo minha atuação na área de valorização de biomassa e resíduos. Essa oportuni-

Processo 2011/19817-1

Instituição-sede: FEA-Unicamp

Área: Engenharia Química/Bioenergia

Biorrefinaria na indústria agroalimentar:
reaproveitamento de resíduos para produção
de novos compostos químicos e bio-hidrogênio

de marcou um importante avanço na minha carreira, permitindo-me liderar projetos inovadores e colaborar diretamente com a formação de novos talentos e o desenvolvimento de soluções sustentáveis para a indústria e o meio ambiente.

Em resumo, o auxílio JP foi fundamental para o meu crescimento técnico e profissional, consolidando minha carreira como uma líder na área de engenharia de alimentos e promovendo avanços significativos em pesquisa, inovação e sustentabilidade. O sucesso do projeto reflete sua visão estratégica, deixando um legado importante para a academia e a sociedade.

Ser contratada como docente na Unicamp e coordenar o projeto JP2 FAPESP foi a realização de um sonho, permitindo-me viver plenamente minha paixão pela educação enquanto desfruto a bênção de ser mãe de uma linda e inteligente filha, unindo amor e propósito em minha jornada.

Fotos: acervo pessoal



A pesquisadora com a equipe do laboratório financiado pelo projeto JP2

Tânia Forster Carneiro

É professora associada livre-docente da FEA-Unicamp, onde coordena um projeto JP-2 da FAPESP; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Publicou cerca de 155 artigos em periódicos especializados (com mais de 7 mil citações), 168 trabalhos em eventos científicos e sete capítulos de livros. Registrou 16 patentes. É membro do corpo editorial de diversos periódicos da área de biotecnologia, bioenergia/bioprodutos.

Autonomia e foco exclusivo na ciência

Tathiane Maistro Malta Pereira [↗](#)

Sou uma entre tantos jovens cientistas que tiveram sua carreira transformada pela FAPESP. As diferentes linhas de fomento da Fundação compreendem um diferencial para o pesquisador do Estado de São Paulo, que se reflete diretamente na qualidade da pesquisa que fazemos. Eu fui financiada por bolsas da FAPESP durante todas as fases de minha trajetória, desde a iniciação científica, ainda em 2003, até o pós-doutorado, iniciado em 2014, e depois quando tive meu Auxílio e Bolsa Jovem Pesquisador aprovados. Durante todo esse período, a FAPESP esteve presente como parceira fundamental, oferecendo não apenas recursos, mas sobretudo segurança no meu potencial como pesquisadora.

Processo 2018/00583-0
Instituição-sede: FMRP-USP
Área: Genética/Epigenoma

Análise epigenômica integrativa de gliomas – definindo regiões regulatórias associadas ao “stemness” e ao fenótipo hipermetilador de tumores com mutações nos genes IDH1/2

Um grande diferencial na minha carreira foi a possibilidade de ir para o exterior por meio da bolsa BEPE, no período do pós-doutorado. Durante esse tempo, eu tive oportunidade de experimentar um ambiente científico multicultural, o que aumentou meu repertório e minhas conexões profissionais. Durante meu tempo nos Estados Unidos, pude conhecer pesquisadores renomados na minha área, que é a genômica do câncer, trabalhar ao lado de pessoas de referência e líderes na área e aprender a valorizar o potencial e a resiliência do cientista brasileiro. Graças à BEPE, tive a oportunidade de permanecer nos Estados Unidos, trabalhando lado a lado com alguns dos maiores líderes na área de genômica do câncer. Esse período foi essencial para expandir minhas experiências e construir colaborações que seguem ativas até hoje, seis anos depois. Mas, ao mesmo tempo em que crescia cientificamente no exterior, mantinha no horizonte o desejo de voltar e contribuir com a ciência feita no Brasil. Foi nesse contexto que elaborei minha proposta Jovem Pesquisador.

Retornar com esse apoio foi a concretização de um sonho: poder montar meu próprio grupo de pesquisa, com autonomia e foco exclusivo na ciência. O Programa Jovens Pesquisadores

da FAPESP é, de fato, uma oportunidade ímpar – nele, encontrei o espaço e os recursos para estruturar uma linha de pesquisa original e formar novos cientistas, sem a sobrecarga de atribuições que muitas vezes afastam os pesquisadores da bancada. Foi um período intenso e produtivo, em que pude colher frutos que ultrapassam o individual: artigos de impacto, prêmios importantes e a formação de uma nova geração de pesquisadores. Os efeitos desse apoio se refletem de maneira clara na minha trajetória. O reconhecimento com o prêmio Para Mulheres na Ciência e, mais recentemente, a minha contratação como docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP são conquistas que só foram possíveis graças ao apoio contínuo da FAPESP.

A FAPESP não apenas financiou minha carreira: ela me ofereceu suporte para avançar cientificamente, retornar ao Brasil no momento certo e transformar ideias em ciência de qualidade, produzida em São Paulo para o mundo.



Acervo pessoal

Tathiane Maistro Malta Pereira

É professora da FMRP-USP, onde coordena o Laboratório de Multiômica e Oncologia Molecular; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Foi pesquisadora no Departamento de Neurocirurgia do Henry Ford Hospital (Estados Unidos); recebeu o prêmio Para Mulheres na Ciência (2022), oferecido por L’Oreal, ABC e Unesco.

Programa Jovens Pesquisadores: uma plataforma de lançamento para minha carreira

Thelma de Aguiar Pertinhez 

Após concluir meu doutorado em bioquímica no Instituto de Química da USP, sob a orientação da professora Shirley Schreier, me transferi, em setembro de 1998, para a Universidade de Oxford, Reino Unido, para integrar o grupo do professor Christopher M. Dobson, com o apoio de uma bolsa de pós-doutorado da FAPESP. Essa experiência foi fantástica. Ao final dos dois anos de bolsa, retornei ao Brasil com o Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. Escolhi o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), em Campinas, onde o Centro de Biologia Molecular Estrutural (CeBiMe) estava sendo criado.

Processo 2000/02026-7

Instituição-sede: Associação Brasileira de Tecnologia de Luz Síncrotron (ABTLuS)

Área: Bioquímica

Correlação estrutura-função de proteínas e peptídeos

No início dos anos 2000, a biologia estrutural era uma área de pesquisa de ponta no Estado de São Paulo. Dando sequência a iniciativas importantes financiadas pela FAPESP, como os projetos Genoma Humano e Genoma Cana-de-Açúcar, um novo foco de pesquisa emergiu: determinar as estruturas 3D de proteínas codificadas por esses genomas. A pesquisa com raios X para estudo de proteínas já estava em andamento no LNLS, e o CeBiMe precisava ampliar suas capacidades tecnológicas. Esse objetivo levou à introdução da ressonância magnética nuclear (RMN) para o estudo de proteínas em solução.

Em setembro de 2000, cheguei ao LNLS e, juntamente com o professor Alberto Spisni, projetamos e lançamos o laboratório de BioRMN do LNLS. Graças ao apoio financeiro da FAPESP, adquirimos dois espectrômetros (Varian de 500 e 600 MHz) e estabelecemos um laboratório de preparação de amostras de RMN e um Laboratório de Dicroísmo Circular. Contemporaneamente, a FAPESP iniciou o programa Rede de Biologia Molecular Estrutural (SMOLBnet). Essa iniciativa fomentou múltiplas colaborações com grupos de pesquisa do Estado de São Paulo, brasileiros e de outros países. Nosso grupo de RMN expandiu-se rapidamente, incluindo alunos de doutorado, pesquisadores de pós-doutorado e alunos de graduação, criando massa crítica significativa e publicando inúmeros artigos em periódicos indexados internacionalmente.



A pesquisadora em tempos atuais e na época do projeto JP (última à direita).



Fotos: acervo pessoal

Thelma de Aguiar Pertinhez

É professora titular do Departamento de Medicina e Cirurgia da Università di Parma, na Itália, onde dirige o Laboratório de Bioquímica e Metabolômica; atua como vice-coordenadora dos cursos de graduação em Técnicas de Laboratório Biomédico e em Obstetrícia; vice-diretora da Escola de Especialização em Patologia Clínica e Bioquímica; integra o Comitê de Mobilidade Internacional da instituição, responsável por projetos de internacionalização com a América do Sul. É autora de mais de 120 publicações em periódicos indexados em bioquímica, biologia estrutural, técnicas espectroscópicas e metabolômica.

Em 2004, com o apoio da FAPESP e de diversas agências internacionais, organizamos o 1st Latin American Protein Society. O evento contou com a presença de diversos cientistas renomados, em especial Kurt Wüthrich, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 2002 por seu trabalho no desenvolvimento da espectroscopia de RMN para determinar as estruturas 3D de macromoléculas biológicas em solução.

Após cinco anos do meu projeto Jovens Pesquisadores, as políticas do LNLS mudaram, o que me levou a explorar novos horizontes. Em novembro de 2005, após obter uma bolsa Marie Curie International Incoming, me transferi para a Itália.

Hoje, sou professora titular em bioquímica clínica no Departamento de Medicina e Cirurgia da Università degli Studi di Parma, Itália. Meu foco de pesquisa atual é a metabolômica nas áreas médica e biomédica.

Sou grata à FAPESP e ao Programa Jovens Pesquisadores pelo apoio e pelas oportunidades que me proporcionaram, que impulsionaram significativamente a minha carreira.

Projeto impulsionou a pesquisa sobre a bioluminescência de insetos e suas aplicações

Vadim Viviani 

Em 2000, quando estava na Universidade Harvard em meu pós-doutorado, esperando por algum concurso numa universidade do Estado de São Paulo para voltar ao Brasil, submeti meu projeto ao então relativamente novo Programa Jovens Pesquisadores da FAPESP, para trabalhar com luciferases de besouros bioluminescentes do Brasil. O projeto foi inicialmente aprovado por mérito, mas a FAPESP exigia uma instituição para sediar o projeto, o que ainda não tinha por não estar contratado. Então, em 2002, a Unesp de Rio Claro se interessou e ofereceu espaço. Em 2003, voltei para o Brasil como professor visitante associado ao Programa de Pós-Graduação no Departamento de Biologia Celular e Molecular da Unesp, com a professora Marcia R. Brochetto Braga, para desenvolver o projeto com auxílio JP da FAPESP.

Naquela época, o país estava em crise e a cotação do dólar não permitia fazer compra de equipamentos caros importados. Mesmo assim, com os recursos disponibilizados, consegui iniciar o projeto, comprar alguns equipamentos e obter as primeiras bolsas de iniciação científica, doutorado e treinamento técnico, que ajudariam a tocar o projeto.

Logo em 2004 consegui recursos adicionais para adquirir um espectrofluorímetro, essencial à linha de pesquisa com bioluminescência. Durante os quatro anos do projeto, o auxílio possibilitou clonar novas luciferases de vagalumes brasileiros com propriedades de luminescência únicas, como sensibilidade ao pH, bem como investigar outras luciferases clonadas nos meus pós-doutorados anteriores, resultando em vários artigos científicos e a primeira patente de uma luciferase no Brasil. Na ocasião, fomos os primeiros a propor o uso de luciferases de vagalumes como biossensores de pH e metais pesados, o que posteriormente possibilitaria várias aplicações bioanalíticas.

Hoje, conforme divulgaram matérias publicadas na *Agência FAPESP*, essas luciferases podem ser usadas como indicadores de pH em células de mamíferos ou sensores de cádmio que

Processo 2000/05467-4

Instituição-sede: UFSCar

Área: Bioquímica/Bioluminescência

Bioluminescência, estrutura e funções de luciferases de insetos e sistemas afins

mudam a cor da luminescência de acordo com estes fatores. O projeto possibilitou também os estudos iniciais de levantamento de fauna de besouros bioluminescentes da Mata Atlântica, que culminariam com projetos posteriores dentro do Programa BIOTA, também da FAPESP.

Foram anos desafiadores, mas muito proveitosos, em que o auxílio JP da FAPESP foi essencial. Em 2006 fui contratado pela UFSCar e, com o enxoval adquirido com o projeto JP, consegui montar o primeiro laboratório de bioquímica e biologia molecular do recém-inaugurado campus da UFSCar de Sorocaba. O projeto permitiu também, além de orientar alunos de IC e seus TCCs, formar meus dois primeiros doutores.

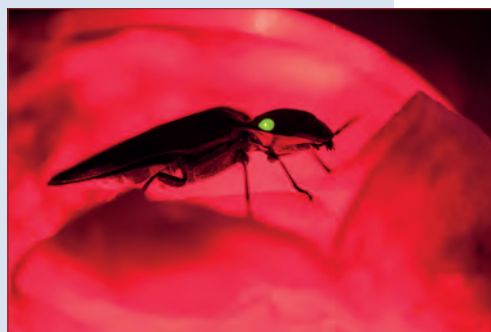
O projeto Jovem Pesquisador foi essencial para iniciar esta linha de pesquisa com enzimas luciferases de insetos e suas aplicações, alavancando minha carreira no Brasil. Considero que esse programa inovador da FAPESP tem sido fundamental para absorver jovens pesquisadores promissores e alavancar a pesquisa a patamares cada vez mais altos no Estado de São Paulo, no Brasil e no mundo.

Vadim Viviani

É professor titular livre-docente do Departamento de Física, Química e Matemática do campus Sorocaba da UFSCar, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Genética Evolutiva e Biologia Molecular, no Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia e no Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia e Monitoramento Ambiental. Lidera o grupo de pesquisa “Bioluminescência e Biofotônica” pelo CNPq. Foi presidente (2017-2019) e atualmente é vice-presidente da Sociedade Internacional de Bioluminescência e Quimioluminescência (ISBC).



Acervo pessoal



Léo Ramos Chaves/Pesquisa FAPESP

O pesquisador (primeiro à esquerda) e sua equipe na época do projeto JP, que teve como foco insetos bioluminescentes da Mata Atlântica.

Um ponto de inflexão na carreira

Valerio Carruba 

Professor da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá da Universidade Estadual Paulista (FEG-Unesp)

Minha trajetória acadêmica até conquistar o auxílio Jovem Pesquisador (JP) foi marcada por diferentes etapas no Brasil e no exterior. Após concluir meu doutorado na Cornell University, nos Estados Unidos, cheguei ao Brasil para dar continuidade à minha carreira científica. Entre 2004 e 2006, fui bolsista de pós-doutorado da FAPESP no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP), sob supervisão do professor Sylvio Ferraz-Mello (Processo 2003/07462-8). Nesse período, estudei a mobilidade dinâmica de pequenas famílias de asteroides, publicando dois artigos em revistas indexadas e apresentando 12 trabalhos em conferências. Essa experiência foi essencial para expandir minha formação e estabelecer as primeiras conexões científicas no Brasil.

Processo 2006/50005-5

Instituição-sede: FEG-Unesp

Área: Astronomia

Dinâmica e origem de famílias de asteroides

Em 2006, tive a oportunidade de conquistar o auxílio Jovem Pesquisador para desenvolver um projeto na Unesp de Rio Claro, em colaboração com o professor Tadashi Yokoyama. Esse projeto representou um ponto de inflexão na minha carreira: além de oferecer uma estabilidade maior que a do pós-doutorado, o JP disponibilizava três anos de financiamento e uma taxa de bancada que permitiu montar a infraestrutura necessária para avançar nas pesquisas.

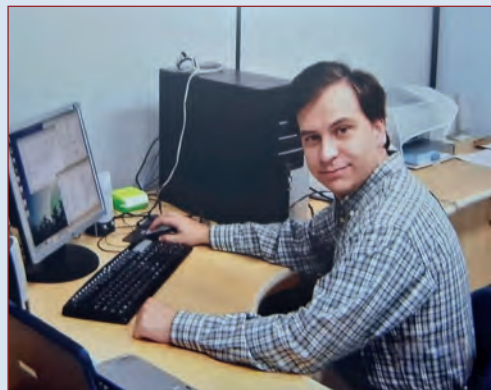
Embora tenha permanecido apenas seis meses em Rio Claro, pois em 2007 fui aprovado como professor assistente na Universidade do Vale do Paraíba (Univap), meu primeiro trabalho como professor, a bolsa JP foi determinante para essa conquista. Ela fortaleceu meu currículo, mostrou minha capacidade de liderar projetos e me deu a confiança para assumir novos desafios acadêmicos.

Acredito que o Programa Jovens Pesquisadores cumpre um papel fundamental no sistema de ciência e tecnologia do Estado de São Paulo. Ele oferece não apenas os meios materiais, mas também o reconhecimento e a autonomia necessários para que jovens cientistas estabeleçam suas linhas de pesquisa e consolidem suas carreiras. No meu caso, foi o ponto de partida para

a construção de uma trajetória científica sólida e independente. Sou muito grato à FAPESP por essa oportunidade, que transformou planos em realizações e abriu portas que continuam a gerar frutos até hoje.

Valerio Carruba

É professor livre-docente da FEG-Unesp; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; presidente da Comissão Permanente de Pesquisa Unesp, campus Guaratinguetá. Atua como revisor para diversos periódicos, entre eles *Science*, *The Astronomical Journal*, *The Astrophysical Journal* e *Proceedings of the International Astronomical Union*. Recebeu prêmio na categoria “Métodos computacionais inovadores em dinâmica astronômica”, durante o 8º Encontro Internacional de Mecânica Celeste (Celmec), em 2023. Teve um asteroide nomeado em sua homenagem – o (10741) Valeriocarruba – pela União Astronômica Internacional.



Acervo pessoal

Registro feito em 2006, época do projeto JP.

‘Foi crucial para estruturar meu próprio laboratório e grupo de pesquisa’

Vinicius de Andrade Oliveira 

Minha trajetória científica tem como ponto central a imunologia, área pela qual me interessei desde a iniciação científica e continuo atuando até hoje. Durante minha formação, tive a oportunidade de contar com excelentes mentores. Na iniciação científica, sob orientação da professora Maria Gerbase de Lima e da doutoranda Anna Smirnova, investiguei variantes de splicing de moléculas do sistema imune em células humanas.

No mestrado, também sob orientação da doutora Gerbase de Lima, no Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia da Unifesp, e como bolsista FAPESP, aprofundei minha experiência em desenho de estudos clínicos e na avaliação de marcadores moleculares aplicados ao transplante renal.

Buscando ampliar minhas habilidades experimentais/científicas, no final de 2010 iniciei o doutorado em imunologia no ICB-USP, sob supervisão do professor Niels Olsen Saraiva Câmara. Nesse período, descrevemos pioneiramente o papel dos ácidos graxos de cadeia curta, derivados do metabolismo de carboidratos complexos pela microbiota intestinal, na proteção contra a lesão renal aguda.

Ainda durante o doutorado, realizei estágio sanduíche (BEPE/FAPESP) no laboratório do professor Jonathan Powell (Johns Hopkins School of Medicine, EUA), explorando o impacto de vias metabólicas na ativação de células do sistema imune – experiência que agregou muito para a minha formação. Após um breve pós-doutorado no ICB-USP, fui contemplado com a bolsa Pew Latin American Fellows para realizar estágio no laboratório da doutora Yasmine Belkaid (NIAID/NIH, EUA).

No período por lá, integrei conhecimentos prévios em imunologia e metabolismo para investigar como infecções intestinais remodelam a microbiota e impactam o metabolismo celular e do hospedeiro. Essa etapa consolidou meu treinamento em técnicas de ponta e ampliou minha rede internacional de colaborações.

Processo 2019/14755-0

Instituição-sede: CCNH-UFABC

Área: Imunogenética

Modulação da microbiota intestinal e do sistema imune pelas células epiteliais intestinais: da homeostase tecidual às doenças

De volta ao Brasil, em 2018, assumi o cargo de professor adjunto na Universidade Federal do ABC (UFABC) e fui contemplado com o financiamento Jovem Pesquisador FAPESP. Esse apoio foi crucial para estruturar meu próprio laboratório, denominado Mucosal Health and Immunity Laboratory (MHIL), bem como para atrair e formar estudantes, importar modelos animais e implementar metodologias avançadas. Atualmente, meu grupo investiga o papel das células e hormônios enteroendócrinos na homeostase intestinal e em doenças inflamatórias, com foco em gerar conhecimento inovador, publicações de impacto e contribuir para a nucleação de um grupo de excelência em uma universidade jovem.

Vinicius de Andrade Oliveira

É professor adjunto do CCNH-UFABC, onde atua como coordenador dos biotérios de experimentação animal do campus de Santo André. Tem experiência na área de Imunologia, com ênfase em imunologia de transplantes, imunometabolismo, ácidos graxos de cadeia curta, inflamação.



Fotos: acervo pessoal

Registro de 2022, durante um congresso; abaixo, com o atual grupo de pesquisa (2024).





Glossário



ABC	Academia Brasileira de Ciências
Acal	Academia de Ciências da América Latina
Aciesp	Academia de Ciências do Estado de São Paulo
ARIES	Instituto Paulista de Resistência aos Antimicrobianos
BEPE	Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior
BIOTA Síntese	Núcleo de Análise e Síntese de Soluções Baseadas na Natureza
BIPMed	Iniciativa Brasileira em Medicina de Precisão
BRAINN	Instituto Brasileiro de Neurociências e Neurotecnologia
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBME	Centro de Biotecnologia Molecular Estrutural
CBMEG-Unicamp	Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética da Universidade Estadual de Campinas
CCARBON	Centro de Estudos de Carbono em Agricultura Tropical
CCD	Centro de Ciência para o Desenvolvimento
CCNH-UFABC	Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC
CEGH-CEL	Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco
Celmec	Encontro Internacional de Mecânica Celeste
Cena-USP	Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo
CEPID	Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão
CEPIx	Centro de Pesquisa e Inovação Especial
CIBFar	Centro de Pesquisa e Inovação em Biodiversidade e Fármacos
CNPEM	Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CQMED	Centro de Química Medicinal

CTC	Centro de Terapia Celular
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
ECA-USP	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
EEFE-USP	Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
Embrapii	Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial
Emesp	Escola de Música do Estado de São Paulo
ENSP-Fiocruz	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz
Esalq-USP	Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo
FCM-Unicamp	Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas
FE-USP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FEA-Unicamp	Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade Estadual de Campinas
FEG-Unesp	Faculdade de Engenharia do Campus de Guaratinguetá da Universidade Estadual Paulista
FMRP-USP	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de São Paulo
IA-Unicamp	Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas
IAC	Instituto Agrônomo
IALE	Associação Internacional de Ecologia da Paisagem
IALE-BR	Capítulo Brasileiro da Associação Internacional de Ecologia da Paisagem
IB-Unesp	Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista
IB-USP	Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo
Ibilce-Unesp	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista
ICAQF-Unifesp	Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo
ICB-USP	Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IEE-USP	Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo
IF-USP	Instituto de Física da Universidade de São Paulo
IFSC-USP	Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo
INCT	Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia
IPBES	Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos

IQ-USP	Instituto de Química da Universidade de São Paulo
ISBC	Sociedade Internacional de Bioluminescência e Quimioluminescência
Iupac	União Internacional de Química Pura e Aplicada
LaNCE	Laboratório Nacional de Células-Tronco Embrionárias
LEPaC	Laboratório de Ecologia de Paisagens e Conservação
LQMC	Laboratório de Química Medicinal e Computacional
NIH	Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos
NSF	Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos
OMS	Organização Mundial da Saúde
Opas	Organização Pan-Americana da Saúde
PDSE	Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
ResNet NPND	Rede de Pesquisa Produtos Naturais contra Doenças Negligenciadas
SPRINT	São Paulo Researchers in International Collaboration
TWAS	Academia Mundial de Ciências
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
Unifio	Centro Universitário Fieo
Unitau	Universidade de Taubaté
USP	Universidade de São Paulo
WSU	Universidade Estadual de Washington (EUA)

Produção editorial

IDEALIZAÇÃO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

COORDENAÇÃO

Gerência de Comunicação da FAPESP

PRODUÇÃO DE TEXTO E EDIÇÃO

Karina Toledo

REVISÃO

Dinorah Ereno

VÍDEOS

Daniel de Oliveira

Phelipe Janning

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E ARTE FINAL

Tatiane Britto

FOTO CAPA

Eduardo Cesar/*Pesquisa FAPESP*

IMPRESSÃO

Pigma

TIRAGEM

300 unidades

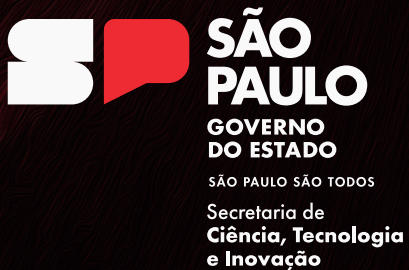
PROGRAMA
JP
JOVENS
PESQUISADORES



www.fapesp.br

FAPESP

Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de São Paulo



GOVERNO
DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria de
**Ciência, Tecnologia
e Inovação**